



Projeto Educativo

A importância do Faz-de-conta



Centro Infantil Nova Aurora

2014/2015
2015/2016
2016/2017

Diretora do Centro Infantil

Dra. Marta Vitorino

Educadoras de Infância

Daniela Martins, Daniela Ribeiro, Filipa Dias, Joana Lopes, Marta Rocha, Sara Soares

Educadora Social

Susana Leite

Auxiliares de Ação Educativa

Diana Sousa, Fábio Rodrigues, Joana Silva, Joana Moura, Juliana Campos, Liliana Oliveira, Márcia Miranda, Raquel Duarte, Raquel Santos, Sónia Guedes, Susana Silva

Pessoal de Manutenção

D. Elizabete Henriques, D. Fernanda Borges, D. Gabriela Fernandes, D. Emília Ferreira

A todos os meninos do Centro Infantil Nova Aurora

Índice

Introdução.....	6
------------------------	----------

I Parte

1. Breve evolução da educação.....	8
1.1. O nosso conceito de Educação.....	9
2. Projeto Educativo enquanto conceito.....	12
3. Finalidades e Funções do Projeto Educativo.....	15

II Parte

1. Caracterização do Meio envolvente	19
2. Resenha histórica da Freguesia.....	20
3. Caracterização da população alvo.....	25

III Parte

1. O Centro Infantil como Comunidade Educativa.....	31
2. Breve histórico da Instituição.....	31
3. Estrutura e organização do Meio Institucional.....	32
3.1. Órgãos Sociais.....	32
3.1.1. Direção.....	32
3.2. Educadoras.....	33
3.3. Auxiliares.....	36

3.4. Pessoal de Manutenção.....	37
4. Parcerias.....	38

IV Parte

1. A Importância do Faz-de-Conta.....	39
1.1.O que é o brincar.....	41
1.2.Porque se brinca no Jardim de Infância.....	42
1.3.A motivação do brincar e a atuação do educador.....	43
1.4.O brincar livre.....	43
1.5.O brincar orientado.....	44
1.6.O papel do brinquedo.....	45
1.7.O papel do professor.....	46
2. A importância do contexto escolar para a atividade lúdica.....	47
3. A importância do contexto familiar para a atividade lúdica.....	48
4. O brincar como linguagem universal.....	51

V Parte

1. Caracterização das famílias.....	53
1.1. Questionário (ver em anexo 1)	53
1.2. Apresentação dos resultados e breve análise crítica.....	53

VI Parte

1. Objetivos e estratégias da nossa intervenção.....	60
--	----

Conclusão.....	62
-----------------------	-----------

Bibliografia.....	67
--------------------------	-----------

Anexos

Introdução

O Projeto surge como instrumento de construção da autonomia do estabelecimento de ensino e institui-se como um processo capaz de articular investigação, inovação e formação. Neste âmbito pretendemos clarificar a importância deste documento que foca as nossas intenções Pedagógicas Educativas e os nossos ideais de educação, que pretendemos partilhar com toda a comunidade educativa.

Defendemos que é muito importante criar condições materiais e humanas, que permitam às crianças manifestarem os seus interesses, sentimentos, trocando experiências e saberes, criando um clima de liberdade e afetividade, deixando-as ser autónomas, criativas e espontâneas. Enquanto Educadores trabalhamos o desenvolvimento da criança no seu todo, atentando às suas dificuldades e mestrias, equilibrando o desenvolvimento real com o potencial. Podemos considerar que possuímos uma visão integrada do desenvolvimento e uma elevada sensibilidade para as condicionantes da aprendizagem. Por outro lado, a criança não é objeto, mas sim sujeito no seu próprio processo de desenvolvimento, pelo que a Educação não pode ser programada como se de uma receita se tratasse.

Achamos pertinente dar tempo a criança para que esta, por si só possa descobrir soluções, valorizando a sua iniciativa, a sua descoberta, para que se sinta confiante de que é capaz de realizar tudo aquilo pelo qual se possa interessar. Consideramos necessário dar espaço e tempo à criança para que esta possa resolver os seus próprios problemas. Elas surpreendem-nos sempre com soluções incríveis, pelo que não devemos dar-lhes a resposta, devemos antes levá-las a pensar, dando-lhes apenas algumas sugestões, se necessário, nunca esquecendo o respeito pelo ritmo de cada uma e promovendo sempre o diálogo.

O conhecimento que o Educador adquire da criança e o modo como esta evolui é enriquecido pela partilha com os outros adultos que também têm responsabilidades na sua educação, nomeadamente colegas, auxiliares de ação educativa, pais e familiares.

Os Educadores de Infância deixam transparecer a sua função complementar junto da família, numa abertura ao reconhecimento de direitos e deveres recíprocos na ação de educar para a vida, pela vida, num quotidiano permanente de interação pessoais e de troca de saberes.

Além destas interações centro/família/comunidade valorizamos a existência de um espaço aberto no Centro Infantil Nova Aurora. Espaço esse que permite que cada grupo não seja isolado dos restantes, havendo relacionamento entre as crianças de diferentes idades, promovendo a ajuda/ comunicação entre irmãos, vizinhos ou amigos de diferentes salas. Esta atitude contribui para a existência de uma relação cooperativa entre todas as crianças, assim como com os adultos.

Em suma o projeto que pretendemos desenvolver trabalha a temática da importância do brincar, da relevância da atividade do jogo simbólica na promoção de uma infância de qualidade e de um desenvolvimento integral e integrado com padrões de qualidade e equilíbrio. Deste modo, a nossa temática para o presente projeto é “ A importância do Faz de Conta”.

I Parte

1 - Educação e a sua Evolução

A revolução industrial do séc. XVIII / XIX trouxe consigo mudança de mentalidades, valores, ideias e atitudes que desencadearam alguns conflitos pelo poder, conceitos de riqueza, desemprego e falências que abalaram as estruturas sociais da época.

Neste quadro de mudança é cada vez mais exigido ao trabalhador uma maior flexibilidade e versatilidade. Devido à necessidade do uso da força intelectual, surgem mudanças a nível tecnológico, deixando assim de se dar tanta importância à quantidade, valorizando a qualidade. Verificando-se assim *“um novo conhecimento super-simbólico”*, e um caminhar para uma nova sociedade cognitiva, uma sociedade do futuro. *“A Sociedade do futuro será pois uma sociedade que saberá investir na inteligência, uma sociedade onde se ensina e se aprende, onde cada um poderá construir a sua própria qualificação”*.

Para tal verificam-se três *“choques motores”*, a mundialização das trocas, o aparecimento da sociedade da informação e a aceleração da revolução científica e técnica.

O conceito de educação e a sua importância surge como o projeto cujo principal objetivo é favorecer a promoção de profundas mudanças na formação social portuguesa, incluindo a educação pré-escolar como fundamental neste processo de mudança.

Na década de 70 podemos localizar a primeira fase da expansão da escolaridade e da democratização do ensino. Houve uma necessidade de melhorar a coordenação horizontal, ou seja, a educação ao serviço da comunidade vertical que é a educação ao serviço do estado, vai assumindo um papel dominante porque tinha como base a valorização dos recursos humanos, tendo como objetivo a modernização do aparelho produtivo e o desenvolvimento independente.

A democratização da escola assume-se como uma parte integrante no projeto de desenvolvimento social que aspira contemplar, por um lado, a modernização económica, e por outro, a democratização social e política do país, contribuindo para a criação de condições que favorecem a transformação das relações e estruturas sociais,

enquanto simultaneamente, se propõe a sua orientação no sentido de proporcionar formas de regulação social.

Numa perspetiva tradicionalista a educação tem como objetivo a transmissão de conhecimento, ou seja, o homem quando nasce já vem com o conceito de homem, mas em miniatura, é necessário dar-lhe conhecimento. Segundo Durkheim, a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não se encontram amadurecidas para a vida social, sendo assim um fenómeno social fundamental. Tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de condições físicas, intelectuais e morais que dela reclamam, seja a sociedade no seu conjunto, seja o meio a que ela se destina particularmente.

É necessário uma educação permanente, ou seja, uma formação contínua, ao longo do tempo de trabalho de um indivíduo, porque é cada vez mais importante, um investimento na capacidade intelectual de um indivíduo.

Este investimento abrange três tipos de educação:

A educação formal: estruturada segundo uma ordem cronológica, administrada pelas escolas primárias, secundárias e superiores, incluindo as universidades;

A educação não-formal: que se refere à atividade educacional organizada que se processa fora do sistema formal e é dirigida a uma clientela específica e com objetivos específicos (educação extra escolar ou escola paralela);

A educação informal: caracterizada como um processo permanente pelo qual os indivíduos adquirem valores, atitudes e conhecimento a partir das influências educacionais do ambiente (família, visitas de estudo, meios de comunicação social, etc.) da vida diária. O que a caracteriza é que não é sistemática e também não se encontra organizada.

1.1. O nosso conceito de Educação

Quando abordamos o conceito de educação podemos afirmar que a educação é «*uma conversa entre indivíduos*» (Bruner, 1986, cit in Vasconcelos, 1997). Nós acreditamos nesta máxima e acrescentamos que esta conversa se faz com palavras, com afetos, com interações produtivas e positivas, ao longo dos anos. Nesta perspetiva, defendemos que *uma interação educativa de qualidade é sinónimo de uma interação*

significativa entre dois indivíduos, um dos quais é mais experiente do que o outro (Vasconcelos, 1997, p. 19).

Todo o trabalho que realizamos enquanto agentes educativos tem inerente um conceito de educação e a forma como devemos orientar este processo complexo de educar. Deste modo, e numa perspetiva desenvolvimentista, temos a crença de que a criança é um ser ativo e participante na aprendizagem, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento. Por outro lado, defendemos que a melhor forma de a criança interiorizar conceitos será através da ação, ou seja, *a vivência de experiências directas e imediatas, retirando delas o significado através da reflexão* (Hohmann & Weikart, 1997, p. 5). Efetivamente partilhamos na íntegra a teoria destes autores, quando salientam que são as próprias crianças, ainda que pequenas, as responsáveis pela construção do seu conhecimento e que esta construção ativa irá ajudá-las a dar sentido ao mundo. Nestas situações, o papel do adulto será o de observar e interagir com a criança, no sentido de descobrir como ela pensa e que tipo de raciocínios elabora, promovendo situações ricas de aprendizagens e direcionadas para a individualidade de cada criança e para as necessidades do grupo enquanto entidade.

Na nossa prática educativa estão presentes teorias do desenvolvimento e os mais variados autores pois consideramos que enriquecemos o nosso quotidiano ao recorrermos a diversos aspetos que nos permitam individualizar a nossa ação.

Se recorrermos às perspetivas de desenvolvimento de Piaget ou de Vygotsky encontramos as suas diretrizes presentes na nossa ação educativa que desenvolvemos, na organização das salas, na intencionalidade educativa e na variedade das experiências que oferecemos às crianças. Vygotsky define um conceito para nós importantíssimo que é a ***Zona de Desenvolvimento Próximo***, ou seja *a distância entre o nível real de desenvolvimento e o nível de desenvolvimento potencial* (Vygotsky, 1986, cit in Vasconcelos, 1997, p. 35). Este conceito obriga-nos a aprofundar conhecimentos acerca das teorias inerentes a cada idade por forma a estarmos dotados de maior competência, sensibilidade e adequabilidade entre a nossa prática e as necessidades/dificuldades das nossas crianças.

Ao planificarmos a organização da sala de atividades, cada educadora deve preocupa-se com uma série de fatores, dos quais o mais importante será o de adequar os materiais e as tarefas ao grupo em questão. O facto de defendermos a máxima de que cada educadora deve seguir o grupo, prende-se efetivamente com fatores afetivos mas

também com o conhecimento que vai tendo do seu desenvolvimento e das suas características, necessidades e dificuldades. Consideramos vantajoso para a criança uma vez que desenvolve um vínculo com a equipa e a familiaridade com que as relações se vão desenvolvendo ao longo do tempo transmitem à criança um sentimento de segurança e o conhecimento de um ambiente securizante. Deste modo, defendemos o acompanhamento por parte da equipa de sala ao longo do berçário, creche e pré-escolar assim como, sempre que possível, ATL e Centro de Estudos.

Relativamente aos materiais colocados na sala no início do ano letivo (Setembro) traduzem o conhecimento que a educadora tem acerca do nível de desenvolvimento do grupo no final do ano letivo anterior (Julho).

O acompanhamento das atividades de pequeno grupo, nomeadamente o trabalho nas diferentes áreas, assim como as atividades de grande grupo, são um instrumento importante no sentido de fornecer à educadora pistas sobre o desenvolvimento das suas crianças. É a partir deste conhecimento que é possível sugerir novas atividades e incluir material novo e mais apelativo nas várias áreas de trabalho, para que a criança atinja o “próximo degrau”, ou seja, o nível de desenvolvimento potencial.

A nossa intencionalidade abrange também contemplar o jogo simbólico, na verdade, as educadoras do Centro Infantil Nova Aurora olham para o jogo, para situações de “brincadeira”, como atividades fundamentais para o desenvolvimento da criança. O jogo em geral é, para a criança em idade pré-escolar, um instrumento fundamental para privilegiar os aspetos funcionais da aprendizagem, a partir dos seus interesses e desejos (Mendonça, 1994, p. 37).

O papel do adulto será, então, o de promover atividades que representem para as crianças situações significativas e interessantes, e simultaneamente adequadas ao seu nível de desenvolvimento. Temos também a preocupação de levar a criança a refletir acerca das suas brincadeiras, pois enquanto reflete está a realizar novas aprendizagens.

Não obstante, e como ficou já claro anteriormente, a nossa principal preocupação é sempre a de olhar para o desenvolvimento como um processo global. Promover o espírito de grupo e de partilha, a interiorização de regras e o respeito pelo próximo, tentar que a criança olhe para alguns problemas sociais com o grau de compreensão que a sua idade permite, levá-la a observar fenómenos e a realizar experiências do mundo que a rodeia, são objetivos sempre presentes no nosso quotidiano. Acima de tudo, pretendemos promover aprendizagens que lhes permitam adaptarem-se a novas situações ao longo da

vida, pois só desta forma poderão ser felizes e, por isso mesmo, focamo-nos em promover um desenvolvimento integral e integrado de todas e de cada criança como ser individual.

2 . Projeto Educativo enquanto conceito

A nossa perspetiva de educação que ficou patente anteriormente foi fruto de uma construção sistemática ao longo dos anos numa articulação dinâmica entre a teoria e a prática. É natural que, à medida que a experiência aumenta e que a formação adicional nos vai alargando horizontes, nos vamos tornando mais exigentes com o nosso desempenho, levando-nos a questionar a nossa identidade pessoal e profissional.

Assim, e por tudo o que foi referido anteriormente, os momentos de reflexão em conjunto, a necessidade de união entre a teoria e a prática e a sistematização dos objetivos educativos passaram a ser, para nós, uma prioridade. Ano após ano fomos sentindo, cada vez mais, que faria todo o sentido colocar as nossas intenções pedagógicas e educativas e os nossos ideais de educação num documento escrito, que pudéssemos partilhar com toda a comunidade educativa.

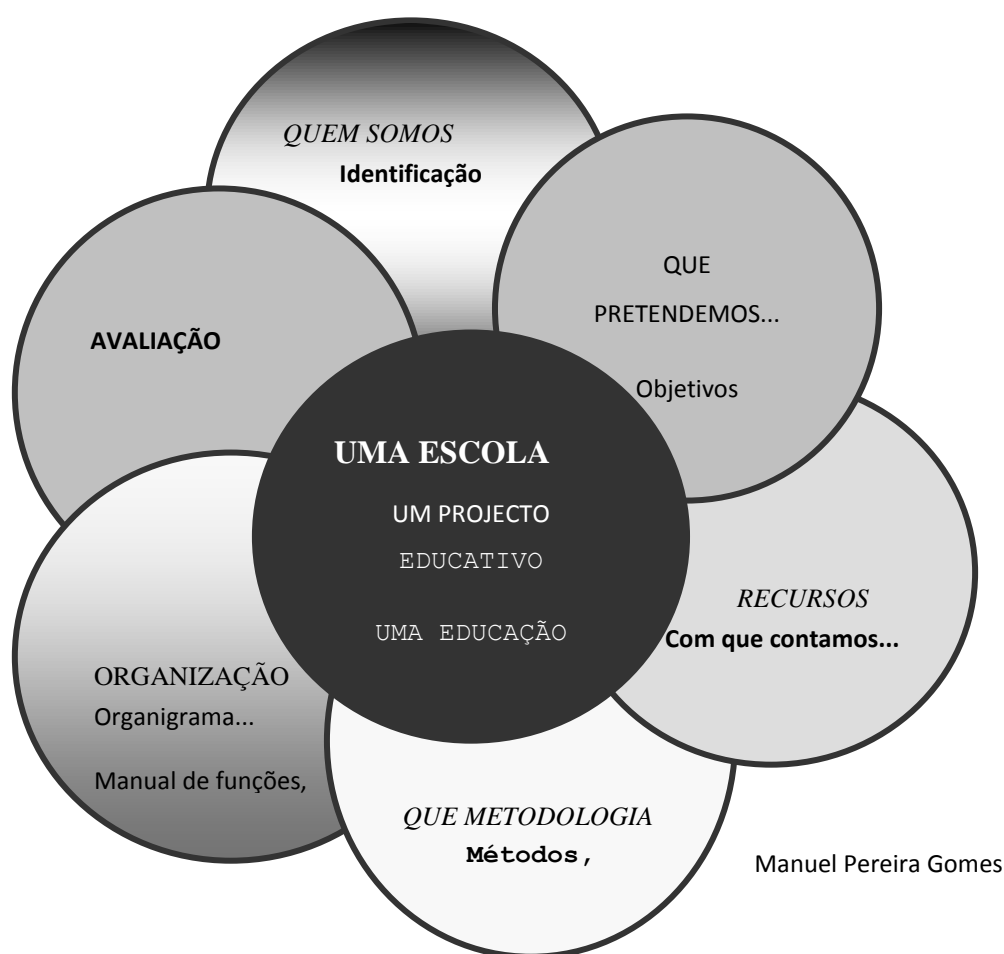
A forma como elaboramos um Projeto Educativo depende sempre de uma série de fatores, tais como o contexto familiar e a comunidade em que está inserido, as pessoas que aí “vivem” e, sem dúvida, a ideologia que os profissionais defendem. Todo o documento deste tipo tem de forma mais ou menos explícita, um ideário, que traduz as crenças, o conhecimento e o percurso de ambos.

No campo dos conceitos, um Projeto Educativo será, então, um modelo de intenções pedagógicas a serem aplicadas pela totalidade da comunidade educativa, durante um determinado período de tempo. Este projeto terá que ser explícito e, simultaneamente possuir uma série de conceitos implícitos. Por outro lado, é fundamental que seja um documento individual, realizado pela comunidade educativa de determinada instituição e para ser aplicado nessa mesma instituição.

O cunho pessoal estará sempre presente uma vez que, numa perspetiva ecológica de desenvolvimento humano, o nosso crescimento é fruto de uma panóplia de influências que nos chegam, não só dos contextos mais próximos, como ainda dos mais distantes e abrangentes. Ou seja, para a criança, apesar de ser fundamental a influência dos cenários mais imediatos que a rodeiam (como família e a escola), os contextos mais vastos em que

estes cenários estão inseridos (como o emprego dos pais ou a Lei de Bases do Sistema Educativo) são também de grade importância.

Nesta perspectiva, num documento como o Projeto Educativo, estão obrigatoriamente contemplados fatores como: a identificação da escola e do meio mais abrangente em que se insere (quem somos, em que ponto estamos); a estrutura organizativa (organigrama, recursos humanos, manual de funções, responsabilidades de cada elemento da instituição); as expectativas (o que pretendemos, que ideais defendemos, o que vamos pôr em prática); a prática diária (as crianças com quem trabalhamos e suas características, espaços e materiais de que dispomos, estratégias e métodos, intenções pedagógicas); a avaliação (o que conseguimos de tudo o que foi projetado, o que é que alteramos e porquê). Todos estes fatores têm implícito o Regulamento Interno da instituição e darão origem ao Plano Anual de Atividades, da seguinte forma:



O Projeto Educativo será, então, uma atividade programada, um projeto de ação, que traduz a identidade da instituição para o qual é desenhado e, simultaneamente, implica investigação e desenvolvimento. Exige investigação na medida em que, aquilo em que acreditamos resulta de uma série de fatores teórico-práticos, pelo que teremos que o fundamentar em termos teóricos; promove desenvolvimento porque é resultado de investigação e reflexão. Assim, a atividade de construção de tal documento tem implícita uma reflexão em conjunto de todos os que o elaboram, e a preocupação de adequação a todos para quem ele é elaborado.

No entanto, apesar de ser apresentado como um documento escrito, ele não estará acabado, pois um projeto será, sempre e só, uma declaração de intenções.

Falar de Projeto Educativo da Instituição, é falar de algo que nos pode parecer utópico. Interessa antes de continuar, saber o que realmente é um projeto.

Ao consultarmos um dicionário, projeto é um termo ambíguo, polissémico. É um plano de ação, intenção, desígnio, programa, esboço...Fala-se de projeto de vida, projeto de viagem é uma previsão para o futuro.

Passar do sonho à realidade não é utópico, é real, é desejar ser ator do sonho, em vez de se contentar, é correr o risco de ver as ideias traduzidas em propostas, em ações, efeitos, resultados num equilíbrio entre o passado, presente e futuro.

É o que ambicionamos com o nosso projeto educativo, que seja uma pretensão de mudar o futuro, articulando todos os nossos conhecimentos numa perspetiva abrangente desde cada criança como ser individual, a nossa instituição, a comunidade.

Para alguns autores, o Projeto Educativo situa-se “no quadro de uma conceção ideal de escola entendida como comunidade”.

O Projeto valoriza a criança como um ser autónomo, exterioriza valores e finalidades, traduz-se num conjunto de opções pedagógicas que focam as prioridades da ação e estratégicas. O projeto é então uma metodologia e um instrumento de planificação previsto para um longo prazo que concerne em si a definição e a formulação das estratégias de gestão, resultando posteriormente planos operacionais de médio e curto prazo. O projeto de escola não pode por isso ser dissociado do processo global de planificação, uma vez que constitui a sua etapa inicial.

Podemos então concluir que o Projeto Educativo pode assumir-se como a primeira etapa de um complexo processo que tem por base o conhecimento da comunidade, da instituição, da metodologia defendida pela equipa e que deve estar

articulado com o Projeto Curricular de Sala e com o Plano Anual de Atividades, por forma a dar resposta às necessidades e às dificuldades do grupo e de cada criança. Devido à sua intencionalidade e funcionalidade, é expectável que o Projeto Educativo tenha uma temática que nos permita desenvolver atividades e enriquecer o nosso quotidiano tendo uma duração máxima de 3 anos.

3 . Finalidades e Funções do Projeto

Todos os agentes da ação educativa devem conhecer e aplicar as finalidades educativas da educação pré-escolar.

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo são objetivos da educação pré – escolar:

- a) Estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades;
- b) Contribuir para a estabilidade e segurança afetivas da criança;
- c) Favorecer a observação e a compreensão do meio natural e humano para melhor integração e participação da criança;
- d) Desenvolver a formação moral da criança e o sentido de responsabilidade associado ao da liberdade;
- e) Fomentar a integração da criança em grupos sociais diversos, complementares da família, tendo em vista o desenvolvimento da sociedade;
- f) Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança e estimular a atividade lúdica;
- g) Incutir hábitos de higiene e de defesas da saúde pessoal e coletiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança”.

A Função do Projeto Educativo pode ser entendido como *“documento de carácter pedagógico que elaborado com a participação da comunidade educativa estabelece identidade própria de cada escola, através da adequação do quadro legal em vigor à sua situação concreta, apresenta o modelo geral de organização e os objectivos pretendidos pela instituição e, enquanto instrumento de gestão, é ponto de*

referência orientador e na coerência e unidade de acção educativa” segundo Formosinho (1996).

João Formosinho (1996) afirma que o Projeto Educativo e o conceito de autonomia estão interligados mas, para que este facto se concretize é necessário a participação de vários intervenientes como a comunidade educativa.

Falar de autonomia de escola não é o mesmo que falar de autogestão de escola, pois a autonomia tem limites, como diz João Formosinho *“O controlo passa da administração central para a administração regional e para a própria comunidade local expressa na comunidade educativa”*. Para uma instituição ser autónoma deve se organizar em volta de princípios, objetivos e estratégias de ação.

Nos primeiros anos de vida torna-se elementar uma ligação estreita entre a escola e a família, uma vez que se trata da primeira separação da criança do meio familiar. Uma boa adaptação da criança à escola parece estar relacionada com uma estreita colaboração entre os profissionais da instituição que acolhe a criança e os seus pais. Os contactos mútuos, formais ou informais, são elementos preciosos, mas não suficientes para o conhecimento, discussão e partilha dos princípios que norteiam a instituição. Porque entendemos o Jardim-de-infância, no seu conjunto, como um local adequado ao desenvolvimento do processo educativo, pressupomos um equilíbrio de atitudes, normas e atividades adotadas na vida quotidiana da instituição. Este é um acerto que pode e deve tomar a forma de Projeto Educativo.

Projeto, substantivo do verbo projetar, que significa, por um lado, planear um ato ou intenção, delinear um esboço e, por outro idealizar algo, uma atividade, uma ação e, porque não, uma vida. É traçar metas a partir do que temos e do que somos para alcançar o desejado, o sonho.

Um projeto, seja ele qual for, constrói-se pela interação entre um eu e o exterior (os outros, o tempo, o espaço...), até porque *“eu sou eu e a minha circunstância.”*, como dizia Ortega & Gasset (1986).

Deste modo a emergência de um projeto não corresponde, assim, a uma atividade exclusivamente afetiva ou cognitiva. Ela solicita simultaneamente fatores afetivos, cognitivos, e de ordem social, ainda que a intensidade ou as práticas sejam diversificadas conforme as pessoas e os momentos.

Foi a pensar nas pessoas e circunstâncias que temos e no modo que estas se relacionam que elaboramos o Projeto Educativo. Pretendemos que este fosse um

trabalho coletivo, explícito e, obviamente, educativo. Coletivo pois é o produto de um esforço conjunto dos docentes da instituição em causa que referiram também as necessidades das crianças. Pretende também sensibilizar os pais numa próxima oportunidade para fazerem parte do todo coletivo que idealmente reformulará este esboço. Explícito uma vez que as linhas e princípios que o regem deverão estar claras para toda a comunidade educativa, ou seja, nítidas para todos aqueles a quem se dirige. Educativo, porque é de um projeto dessa índole que se trata. Não é apenas um projeto pedagógico ou didático, uma vez que, na nossa conceção, a educação é mais do que aquilo o que se ensina e o modo como tal se faz, é ter consciência de que somos responsáveis pelo desenvolvimento global e harmonioso da criança e que esta está inserida numa comunidade, que é herdeira de uma cultura e que, em última instância, é uma cidadã do mundo.

Esta filosofia não é nossa, foi já pensada e estruturada por outros, que se dedicaram à educação. Como exemplo mais claro temos a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, esta “...implica o estudo científico da acomodação progressiva e mutua entre um ser humano ativo em crescimento e as propriedades em mudança dos cenários imediatos que envolvem a pessoa em desenvolvimento, na medida em que esse processo é afetado pelas relações entre os cenários e pelos contextos mais vastos em que estes cenários estão inseridos” (Bronfenbrenner, 1977; 1979, in Veiga, 1995, pp. 31). Ou seja, o enfoque é colocado na criança e nas relações dinâmicas que esta estabelece com esta perspetiva exige-nos uma visão holística da criança, ou seja, o indivíduo que cada criança é não depende exclusivamente de si própria, da família ou da escola, mas sim de uma série de condicionantes, supostamente exteriores, que a influenciar e sobre os quais ela vai exercer também a sua influência.

Podemos então concluir que um projeto educativo parte da criança para de seguida explorar todos os contextos em que esta se insere e responsabilizar todos os intervenientes que com ela vivem e convivem. Implica, desta forma, que em conjunto todos explorem o que efetivamente podem “*fazer pela criança*”. Mas, não nos esqueçamos que ao “*fazer por*” estamos a “*fazer*” algo por nós próprios e que, por isso, este projeto deixa de ser para a criança e passa a ser para todos o que nele participam. Este é um estudo que exige uma Investigação/Ação, que se aprenda agindo, experimentando, refletindo e que, por isso, resulte no crescimento pessoal e profissional dos que envolve. É na construção da profissionalidade docente e no enriquecimento da

identidade pessoal que vamos nos tornando cada vez melhores no exercício da nossa profissão.

II Parte

1.Caracterização do Meio envolvente

O conhecimento do meio envolvente de qualquer instituição educativa reveste-se de grande importância quando se elabora um Projeto. É necessário conhecer os meios físicos do local em que o jardim está inserido, se podem planear saídas, convívios e outros tipos de atividades, ou seja, alargar a ação educativa a quem diz respeito. E não são só apenas os profissionais de educação que contam com esta tarefa, são também os familiares, os amigos, os vizinhos e toda a comunidade que rodeia a vida da criança. Da mesma forma, a sala não é apenas o local de ação educativa é todo o contexto circundante á criança: espaços de lazer, cultura e trabalho.

Assim, o Centro Infantil Nova Aurora pertence à freguesia de Paranhos e está inserido na Urbanização de Santa Luzia, na Rua Professor Agostinho da Silva, nº34.

A Urbanização de Santa Luzia, localiza-se na zona oeste da Freguesia de Paranhos, está delimitada a oeste pela Rua Montes Burgos e a norte por uma urbanização particular. Existem duas ruas que dividem a urbanização, a Rua Padre Rebelo da Costa, é considerada a parte mais antiga, e a Rua Armando Laroze Rocha, que é considerada a parte mais recente.

Nesta urbanização, existem 640 fogos, divididos por nove ruas, destinados a arrendamento, por 29 prédios de tipo 1,2,3 e 4. Os fogos destinados a venda distribuem-se por 5 torres de 9 pisos e 1 de 16.

Quando se construiu esta urbanização, não se pensou em construir também certas infraestruturas que iriam ser necessárias para satisfazer necessidades de novos moradores. Assim, no que diz respeito a equipamentos sociais de apoio à infância, juventude e 3ª idade, estas populações teriam que se deslocar para outras zonas próximas.

Quanto a equipamentos educativos formais, os habitantes podem servir-se da Escola E.B.1 (Escola do Amial nº41), com capacidade para 200 alunos; e a E.B.2. Pêro Vaz de Caminha, frequentada por alguns jovens que frequentam o Centro Infantil Nova Aurora.

O aglomerado populacional dispõe dos seguintes recursos físicos:

- Escola Miosótis (1º Ciclo)
- Parque infantil dos Miosótis
- Ringue da Associação de moradores da Urbanização de Santa Luzia
- Empresa Soares da Costa
- Oficina B.M.W (S. Conrado)
- Parque de Campismo
- Supermercado
- Cafés
- Merceria
- Cabeleireiro
- Centro de Apoio ao Jovem
- Área de deficientes

2. Resenha Histórica da Freguesia

A freguesia de Paranhos, segundo a monografia de S. Veríssimo de Paranhos, elaborada por Horácio Marçal, pertencia até 1837 à terra da Maia, da qual foi concelho.

A Maia tornou-se concelho independente em 1834 e Paranhos passou a fazer parte das freguesias do Porto em 27 de Setembro de 1837.

A Freguesia localiza-se na cidade do Porto e faz fronteira com a freguesia de Ramalde, Cedofeita, Stº Ildefonso, Bonfim e Campanhã. Por outro lado, faz fronteira com o concelho de Matosinhos, sendo designada por freguesia de periferia exterior. (ver anexo 1)

Esta freguesia é a segunda maior freguesia do país com uma extensão de 6,67 Km², caracteriza-se pelo seu elevado número de população residente – cerca de 55 mil habitantes. É também a freguesia que mais se destaca, quer em número de alojamentos familiares, quer em famílias de indivíduos residentes, representando cerca de 18 a 19% do total do concelho. Para esta situação contribui a forte concentração de bairros

A freguesia de Paranhos tem vindo a assistir a grandes mudanças nos últimos anos. São os acessos que estão na base desta mudança, primeiro pela melhoria dos arruamentos que ligam ao centro do Porto, segundo, a construção da via de cintura interna e a construção do pólo universitário na Asprela. Para além de possuir este importante pólo de ensino, a freguesia é também sede de importantes equipamentos de

saúde: o Hospital de S. João, o Instituto Português de Oncologia e o Conde Ferreira, destinado a deficientes mentais. No entanto, é do campo desportivo que esta freguesia é referida na comunicação social.

A imagem de Paranhos está também muito associada à Quinta do Covelo, o mais importante espaço verde da freguesia. O propósito da freguesia e da Câmara Municipal do Porto é tornar esta quinta num espaço de desfrute e sobretudo de aprendizagem para que se comece a criar nas gerações mais novas um conceito de Ambiente e Preservação Ambiental.

Esta freguesia é ainda caracterizada por uma grande dinâmica associativa. O elevado número de coletividades existentes é responsável por um envolvimento de muitos jovens em atividades de índole cultural, desportiva e recreativa.

A cultura popular é ainda algo que tem peso em Paranhos, como a dança, cantares e gastronomia. Quanto a esta tradição gastronómica que Paranhos apresenta podemos falar das famosas tripas à moda do Porto, mas a freguesia distingue-se por ter uma doçaria que é só sua, falamos dos doces de Paranhos.

Até meados do séc. XIX, não havia escolas oficiais na freguesia, começando a primeira a funcionar em 1872. Em 1882 foi aberta uma segunda escola, para meninas e em 1885 foi aberta uma escola masculina. Em 1886, mudaram as meninas para o mesmo edifício, e no mesmo ano abriu um primeiro curso noturno, mas fechou dois anos depois por falta de inscrições.

Até ao início do séc. XX, apenas existiam três escolas primárias. Em 1912, eram quatro e em 1916 havia seis contudo hoje em dia são dez. Quanto ao Ensino Particular, são conhecidos desde 1941, o Colégio dos Missionários Capuchinhos e o Colégio Luso-Francês.

As escolas preparatórias, C+S e Secundárias, são várias: Escola Preparatória de Paranhos, C+S de Pêro Vaz de Caminha, Escola Secundária de António Nobre e Escola Secundária Filipa de Vilhena.

No campo do Ensino Superior Público e Privado, o cenário mudou drasticamente para melhor. Falamos das faculdades de Medicina, Medicina Dentária, Economia, Desporto, Educação Física e Engenharia (FEUP), Instituto de Patologia e Imunologia, a Universidade Católica (Escola Biotecnologia), a Universidade Portucalense, a Universidade Fernando Pessoa, o Instituto Superior de Ciências do

Desporto e de Educação Física, o Instituto Politécnico do Porto (Instituto Superior de Engenharia) e Escola Superior de Educação.

Além das escolas do 1º ciclo do ensino básico, há dois jardim-de-infância públicos, um perto da Igreja Matriz, outro na Areosa, e muitas instituições particulares. Para crianças deficientes, a freguesia tem três instituições públicas, uma para o tratamento de crianças autistas, outra que é o Centro de Paralisia Cerebral e o Centro de Paralisia.

Para além destes espaços pertencentes à freguesia de Paranhos, podemos ainda dar relevo a mais alguns:

Zonas verdes:

Quinta do Covelo: como já referimos anteriormente é o espaço verde mais importante da freguesia e esteve até há bem pouco tempo abandonado tendo sido recentemente requalificado.

Foi-lhe atribuído este nome porque no séc. XIX, a quinta foi comprada por um comerciante, José do Covelo. Depois foi vendida e comprada por uma família de nome Paranhos, o que levou a que a quinta passasse a ser também chamada por Quinta de Paranhos.

Jardim de Arca D'Água: foi transformada em jardim público em 1920. É chamada oficialmente de Praça 9 de Abril.

O nome de Arca D'Água é devido a nascentes de água e respetivos reservatórios a que se chamam arcas. Este é um verdadeiro jardim em plena cidade, onde os serviços, as áreas habitacionais e os estabelecimentos de ensino circulam este local, mas não interferem na sua beleza.

A Praça Marquês de Pombal: antigamente chamavam-lhe o largo de Aguardente e fez parte de uma quinta. Como jardim, foi inaugurado em 1898, tornando-se peculiar pela sua forma retangular, cheia de árvores, um pequeno coreto em ferro, um lago com repuxo, uma fonte, bancos, quiosque e bebedouros públicos

Património Histórico-Cultural:

Casa da Cultura de Paranhos: foi inaugurada a 11 de Julho de 1993 pelo presidente da Câmara do Porto. Está situada num edifício antigo mas totalmente remodelado. Esta tem em vista, a promoção de exposições de arte, exibições de folclore, palestras e música, estando também prevista a abertura de uma biblioteca.

Igreja Matriz de Paranhos: desconhece-se a data de construção desta igreja, tudo o que se sabe é que em 1845 foi reparada por se encontrar em ruínas e quem a reparou foi um morador que vivia na Arca D'Água. Posteriormente teve sucessivos benefícios e melhoramentos.

Igreja da Areosa: a igreja antiga era pré-fabricada e situava-se na rua da Areosa. A igreja atual é moderna, tem semelhanças com o aspeto a uma tenda, com um telhado que vem até quase ao chão. Esta igreja alberga uma paróquia que se alonga desde a autoestrada até ao Hospital de Conde Ferreira.

Igreja do Amial ou Igreja dos Capuchinhos: fica situada na Rua Nova do Tronco, junto do Seminário Ordem. É hoje sede da paróquia do Amial e a maior igreja da freguesia de Paranhos. Foi inaugurada a 8 de Dezembro de 1958.

Pertence ainda a esta instituição um Centro Social Paroquial com três valências: Centro de Convívio, Centro de Dia e um Centro de Apoio Domiciliário, na sua maioria acamados e solitários. Todas estas obras são dedicadas à terceira idade.

Igreja da Imaculada Conceição ou Nossa Senhora da Conceição: está situada na Praça Marquês de Pombal. Apesar de não pertencer à freguesia, a verdade é que ocupa um pedaço importante do conjunto da Praça, sendo, além disso um templo frequentado por muitos fiéis da área de Paranhos (de Costa Cabral ao Covelo) para quem esta igreja fica muito mais perto que a Igreja Matriz.

Equipamentos Sociais:

Bairros residenciais: a freguesia de Paranhos integra vários bairros, uns mais simples que outros, que atestam o desenvolvimento urbano e demográfico de décadas, de forma constante e crescente.

Os diferentes bairros existentes são: Bairro da Agra do Amial, Bairro da Agrela, Bairro do Amial, Bairro da Areosa, Bairro da Asprela, Bairro da Azenha, Bairro do Bom Pastor, Bairro do Carriçal, Bairro do Carvalhido, Bairro Dr. Leonardo Coimbra, Bairro da Fábrica da Areosa, Bairro do novo Amial, Bairro do Outeiro, Bairro de Paranhos, Bairro do Regado, Bairro de S. Tomé, Bairro do Vale Formoso e ainda um bairro particular, o Bairro de Garantia.

Novas vias como fator de mudança: sendo uma freguesia limítrofe, está servida por várias vias de comunicação como saídas para Viana do Castelo, Braga e Penafiel, seguindo pela Arca D'Água e S. Mamede Infesta pela estrada velha, ou hoje, virando à

esquerda, depois da Arca D'Água, para a Via de Cintura Interna e apanhando a autoestrada Porto/Braga/Penafiel. A saída para Guimarães faz-se pela antiga estrada que acompanha, mais ou menos, a Rua de Costa Cabral ou então pela autoestrada já referida. Fator dinamizador de Paranhos é também a Estrada da Circunvalação, que liga o Castelo do Queijo ao Freixo.

Polícias, quartéis e bombeiros: há um posto da Polícia de Segurança Pública em toda a freguesia, a 8ª Esquadra, no Largo do Campo Lindo. Situa-se também na freguesia o quartel de Escola Prática de Transmissões, na Rua Vale Formoso. As forças Armadas possuem na freguesia a Estação Militar, na mesma rua.

Quanto a Bombeiros, não existem, embora seja esta a maior freguesia da cidade e a segunda do País, não possui uma única corporação de Bombeiros. Quando é necessário, são chamados os mais próximos.

Instalações desportivas: Estádio Eng. Vidal Pinheiro (Sport Comércio e Salgueiros, na Rua Augusto Lessa, Clube de projeção nacional, integrado na primeira divisão de futebol.

Na Rua da Constituição, localizam-se as primeiras instalações do Futebol Clube do Porto, que ainda hoje funcionam como escola de futebol. Constituem uma relíquia na história da cidade. O F.C.P. possui hoje o conjunto desportivo das Antas, mas o significado emocional do campo da Constituição continua vivo.

Associações e Coletividades: esta freguesia tem numerosas coletividades desportivas e de recreio. A mais antiga é a Sport Progresso, fundada em 1907. A mais representativa é o Sport Comércio e Salgueiros.

O aparecimento de clubes, muitos deles no início do século, ficou a dever-se ao crescimento desta área da cidade e às transformações do espaço rural em espaço urbano.

Algumas das coletividades pertencentes a esta freguesia: Grupo Desportivo e recreativo do Covelo, Racing Clube Portugal, União Francos Figueirense, Sporting Clube da Cruz, Sport Progresso, Real Sociedade do Campo Lindo, Grupo Desportivo e Recreativo de Paranhos, Núcleo Desportivo Bairro Bom Pastor, Sport Comércio e salgueiros, Estrela Vigorosa Sport, Futebol Clube do Amial e Regado, Associação Recreativa Estrela do Carriçal, Associação Recreativa Montiagra e Amial, Associação Recreativa Silva Porto, Clube Desportivo Nun'Álvares, Associação Escuteiros de Portugal, Corpo Nacional, de Escutas, Rancho Folclórico de Paranhos, Grupo Desportivo Leões de Veneza, Associação Recreativa e Cultural Académica do Monte

Pedral, Grupo desportivo Bairro Novo do Amial, Clube Sargento do Exército, Associação Recreativa e Cultural “Os Fatigados”, Associação Ocupacional Sadia do Lazer, Associação dos Moradores dos Combatentes, Clube de Iniciação e Propaganda do Atletismo, Clube dança de Salão do Porto e Associação de Moradores do Bairro do Outeiro.

Há outras associações sem sede própria como é o caso do Grupo Coral de Professores do Porto e do grupo de cantares populares.

3.Caracterização da População Alvo

O crescimento demográfico da freguesia está diretamente relacionado com a sua história, nomeadamente com o processo de urbanização que transformou a sua natureza e quotidiano, ao longo de todo o século XX.

Atualmente, Paranhos é, em termos de habitantes, a maior freguesia do Norte e a terceira maior do país.

Índice de envelhecimento demográfico

População com 65 e mais anos / População com menos de 15 anos x 100 = 117 %

Relação de dependência entre grupos de idades

Relação de dependência	%
Pop. Menos de 15 anos + Pop.65 e mais/ Pop.(15-64)x100	51,0
População jovem (menos de 15) / População ativa (15-64)x100	23,5
População idosa (65 e mais) / População (15-64)x100	27,4
População jovem (menos de 15) / População idosa (65 e mais)x100	85,6

Famílias recenseadas por tipologias

Tipologias	Nº de Famílias	%
Nuclear sem filhos	338	12,4
Nuclear com filhos solteiros	800	29,4
Monoparental mulheres c/ filhos solteiros	219	8,0
Monoparental homens c/ filhos solteiros	21	0,8
Avós com netos solteiros	23	0,8
Avó com netos	19	0,7
Avô com netos solteiros	3	0,1
Família extensa	158	5,8
Família monoparental extensa	24	0,9
Família alargada	524	19,2
Família monoparental alargada	156	5,7
Pessoa isolada	405	14,9
Outras situações	33	1,2
Total	2.723	100

Caracterização Socioeconómica

População residente segundo grupo de idade e sexo

Idade	14- 24		25- 44		45- 64		>= 65			
Sexo	M	H	M	H	M	H	M	H	Tot	%
Não sabe ler nem escrever	15	11	37	27	118	25	403	60	696	9,0
Sabe ler sem grau completo	6	10	59	38	121	30	270	79	613	8,0
Básico primário	47	78	553	473	737	621	360	375	3244	42,1
Básico preparatório	131	174	293	330	52	73	9	35	1097	14,2
Secundário unificado	235	275	184	199	51	84	7	23	1058	13,7
Secundário complementar	222	186	106	85	6	24	3	6	638	8,3
Curso médio	7	3	11	10	4	4	2	1	42	0,5
Curso superior	82	51	53	35	7	7	-	-	235	3,0
Outros	1	5	2	1	-	-	-	-	9	0,1
Não sabe / não responde	9	13	14	18	4	11	2	1	72	0,9
Total	755	806	1312	1216	1100	879	1056	580	7704	100

População residente segundo a ocupação

Ocupações		Nº	%
Ativos:	A exercer profissão	3354	39,2
	Desempregados	834	9,8
Inativos:	Estudantes	1541	24,6
	Reformados	2105	6,0
	Domésticos	513	1,3
Outros*		114	1,3
Sem informação		91	1,1
Total		8552	100

*incapacitados para o trabalho, outros inativos, outra situação com atividade, frequência de ação de formação

Taxa de atividade

Taxa de atividade = N° total de ativos / População total x 100

Taxa de atividade = $4188 / 9039 \times 100 = 46,3\%$

Taxa de atividade feminina = $1962 / 4876 \times 100 = 40,2\%$

Taxa de atividade masculina = $2226 / 4163 \times 100 = 53,5\%$

Taxa de desemprego

Taxa de desemprego = N° de desempregados / (N° total de desempregados + N° total de empregados) X 100

Taxa de desemprego = $834 / 4188 \times 100 = 19,9\%$

Ativos empregados por categorias profissionais e sexo

Categorias	H	M	Total	%
Outros Superiores	26	20	46	1,4
Profissionais Intelectuais e Científicas	39	52	91	2,7
Técnicos Intermédios	85	39	124	3,7
Pessoal Administrativo	213	197	410	12,2
Pessoal de Serviços e Vendedores	223	302	525	15,6
Trabalhadores Agricultura e Pesca	9	4	13	0,4
Operários e Artífices	574	238	812	24,2
Operadores de Máquinas e Similares	212	42	254	7,6
Trabalhadores não qualificados	42	655	1078	32,1
Outros	2	-	2	0,1
Total	1806	1549	3355	100

Agregados segundo a principal fonte de receita

Principal Fonte de Receita	Nº	%
Trabalho por conta de outrem	1484	54,5
Trabalho por conta própria	106	3,9
Pensões	946	34,7
Rendimento Mínimo garantido	49	1,8
Subsídio de Assistência Social	8	0,3

Outras origens	99	3,6
Sem informação	31	1,1
Total	2723	100

Atividades Económicas, Associações locais e Equipamentos sociais

Atividade económica	Tipo	Nº
Formal	Estabelecimento tipo comercial	6
	Armazéns	1
Informal	Pequena mercearia – roulote	1
	Pequena mercearia em habitação. - Anexo	1
	Quiosque	1
	Venda de fruta	2
	Venda de peixe	2

Associações locais e equipamentos sociais sediados nos blocos dos bairros municipais

	Tipo	Nº
Associações locais	Associações recreativas	1
	Associações desportivas	2
Equipamentos sociais	Equipamentos infância	1
	Outros de cariz social	1
	Outros	1

III Parte

1.O Centro Infantil Como Comunidade Educativa

Os desafios originados pelas mudanças demográficas do mundo atual, no que se refere à estrutura familiar, fazem com que aumentem as expectativas educacionais por parte das famílias em relação às instituições que têm a seu cargo essa tarefa.

As instituições precisam de desempenhar funções tradicionalmente desempenhadas pela família que se relacionam com a socialização, educação cívica e ocupação dos tempos livres. Respondendo assim, às novas necessidades criadas pelas mudanças na estrutura familiar e pelas novas exigências sociais.

O Centro Infantil fomenta a importância do respeito pelo outro e pela diferença em todos os sentidos. É dever da Instituição combater a desigualdade e a exclusão social (crianças sem possibilidades económicas, poderem usufruir de iguais direitos e condições que as restantes). Como tal, é dever do Centro Infantil educar as crianças de forma a todas terem as mesmas oportunidades e possibilidades para se desenvolverem de uma forma plena.

2.Breve Histórico Da Instituição

A ANARP (Associação Nova Aurora na Reabilitação e Reintegração Psicossocial) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social sem fins lucrativos, reconhecida como Pessoa Coletiva de Utilidade Pública.

Nasceu em 1994 da junção de esforços de familiares e amigos de pessoas com doença mental que procuravam uma solução satisfatória ao nível da reabilitação e integração social destes doentes.

O projeto desenvolveu-se com o apoio de Fundos Estruturais da Comunidade Europeia (FEDER) e do Estado Português (Ministério do Trabalho e da Solidariedade).

Atualmente o projeto tem o apoio regular do ISSS (Instituto de Solidariedade e Segurança Social), bem como dos seus associados e de beneméritos particulares e empresariais.

A Associação Nova Aurora na Reabilitação e Reintegração Psicossocial – ANARP tem em funcionamento um Centro Infantil num espaço, propriedade da Câmara Municipal do Porto, inaugurado em 15 de Setembro de 2005 pelo Ex. Mo Sr. Presidente da Câmara Municipal do Porto, Dr. Rui Rio.

A utilização deste espaço resulta de um Protocolo de Cedência de instalações por parte da Câmara do Porto à Junta de Freguesia de Paranhos, que as disponibilizou à ANARP, tendo esta implementado nesse espaço três valências de apoio à infância: Creche, Pré-Escolar e ATL. Tem como objetivo dar respostas às necessidades de acolhimento, permanência diurna e aprendizagem de crianças dos 3 meses aos 5 anos de idade, de forma individualizada, apoiando os seus progenitores e elegendo-os como parceiros fundamentais. Procurando deste modo, contribuir para um desenrolar do processo formativo e educativo da criança, através da implantação de atividades socioeducativas onde esta se sinta valorizada e escutada. Despertar a sua curiosidade e o seu desejo de aprender, proporcionar um melhor desenvolvimento pessoal e social são os objetivos estatutários da ANARP.

Na valência do ATL, no âmbito da ação social e durante o tempo que a escola deixa livre pretende-se contribuir para melhorar a resposta educativa proporcionada às crianças, dedicando uma especial atenção ao projeto educativo global de crianças com idades compreendidas entre os 6 e 12 anos. Organizar atividades educativas específicas dirigidas às mesmas, designadamente às oriundas de estratos socioeconómicos e culturais mais baixos, por modo a ocupar os seus tempos livres de uma maneira salutar e apostando na qualidade da educação de forma a ser facilitado o desenvolvimento harmónico da personalidade.

3. Estrutura e Organização do Meio Institucional

3.1. Órgãos Sociais

3.1.1 . Direção

Com uma postura aberta e disponível, a direção do Centro Infantil Nova Aurora preocupa-se com o bem-estar de todas as crianças e adultos envolvidos neste processo de

educação. Como mediadora e promotora da estabilidade tem procurado a inovação e a criatividade na resolução de situações do dia-a-dia.

A presença diária na instituição pretende criar, com todos os que frequentam ou visitam o Centro Infantil Nova Aurora, uma relação de amizade onde o diálogo permanente e a troca de experiências são primordiais para o bem-estar de todos.

O horário de funcionamento é das 7h45m às 19h00m, de 2ª a 6ª feira, encerrando aos fins-de-semana e em todos os feriados nacionais e municipais. As crianças estão divididas por salas conforme o ano de nascimento, existindo assim 7 salas. Todas elas têm uma Educadora e uma Auxiliar com a exceção da Sala de 1 ano, onde além da Educadora trabalham 2 auxiliares. Como não é obrigatório a permanência de uma Educadora na Sala dos Bebés, esta funciona com duas Auxiliares, sendo responsável por esta sala a Educadora da Sala de 1 ano.

O quadro do pessoal é constituído por 22 pessoas assim distribuídas: 1 Diretora, 6 Educadoras de Infância, 1 Educadora Social, 5 Auxiliares de Educação, 4 Ajudantes de Ação Educativa, 1 Cozinheira, 1 Ajudante de Cozinha, 2 Auxiliares de Serviços Gerais (Limpeza) e 1 Escriturária.

O horário do pessoal não docente está estabelecido conforme as necessidades das crianças e da instituição, pelo que, no início de cada ano letivo, se procede às alterações necessárias.

Em termos alimentares, existe uma ementa que é elaborada por uma nutricionista no início de cada ano letivo, mas vão sofrendo alterações, conforme sejam necessárias e que é afixada em locais próprios no início de cada mês. A ementa das crianças do berçário e da sala de 1 ano é adaptada conforme as suas necessidades e à medida que se vai introduzindo novos alimentos e poderá ser consultada na própria sala.

3.2. Educadoras

No Centro Infantil Nova Aurora, as educadoras representam os maestros das pequenas sinfonias que se vão tocando ao longo do ano. São elas que organizam o espaço dentro da sua sala, que programam as atividades, que respondem perante todos

pelo que acontece com o seu grupo de crianças. Com alguma diversidade em termos de idade e de anos de serviço, vamos tentando que os saberes de uma se transformem no conhecimento de todas, numa partilha constante de ideias.

Atualmente trabalham no Centro Infantil 7 Educadoras, formadas em escolas diferentes e com anos de serviço diversificados.

O espírito de equipa e a cultura do diálogo e da troca de experiências entre as educadoras tem sido, sem dúvida, uma vantagem para nós sendo que é nesta partilha de conhecimentos que vamos nos enriquecendo como profissionais e como pessoas, alargando os nossos horizontes de conhecimentos. Deste modo, se as mais antigas colaboram com a sua experiência, as mais recentes vão trazendo novos conhecimentos e dinâmicas de trabalho diferentes.

Temos consciência que para se ser um bom educador, é essencial um enorme leque de conhecimentos teóricos, porque a diversidade de situações com que nos deparamos é imensa. A troca de experiências e o trabalho de equipa proporciona um alargar constante de conhecimentos, sem que cada uma de nós tenha propriamente que viver as situações.

Por outro lado, a reflexão em conjunto de situações vividas apenas por uma, ajuda-nos a aprofundar conhecimentos no sentido de encontrar a melhor solução. O melhor exemplo disto é, sem dúvida, a elaboração do Projeto Educativo, que em cada ano nos obriga a ler uma enorme quantidade de informação acerca da idade com a qual estamos a trabalhar e ainda acerca do tema comum que queremos desenvolver. Neste processo, as opiniões diferentes que encontramos nos diversos livros, a par da reflexão que elaboramos em conjunto, permite-nos aumentar conhecimentos teóricos a cada ano que passa e a construir um saber muito próprio.

Por estas razões, o trabalho de equipa é para nós, não só importante, como verdadeiramente fundamental, pois temos consciência de que “... *a possibilidade de poder trabalhar e partilhar conhecimentos, tarefas e responsabilidades com outros adultos, permite ao educador melhorar as suas competências no desempenho da sua profissão.*” (Formosinho, 1996, p. 118). Então, as educadoras do Centro Infantil têm sido os mecenas do diálogo e da reflexão conjunta, não só entre elas, mas também alargando este exercício aos outros agentes da instituição.

Nesta perspetiva, privilegiamos o diálogo com os pais, o qual iremos desenvolver mais à frente.

Ao longo do ano letivo, e nesta perspetiva de reflexão conjunta, cada educadora realizará reuniões periódicas com as suas auxiliares, no sentido de programar o trabalho de sala. As educadoras também terão reuniões periodicamente por forma a manter a reflexão conjunta da equipa e a discussão de assuntos pertinentes.

Também o envolvimento formal das auxiliares não tem sido trabalhado por nós de forma sistemática. Como é óbvio, as nossas auxiliares sempre foram uma peça fundamental nas rotinas de cada sala, colaborando em tudo o que lhes é solicitado. No entanto, queremos que a partir deste ano as reuniões de programação do trabalho de sala passem a acontecer de modo mais formal e consistente. Nesta perspetiva, também elas se foram envolvendo mais na elaboração do Projeto Educativo, e o ponto que lhes diz respeito foi totalmente elaborado por elas, com base em reuniões que tiveram e fruto de uma reflexão conjunta. Na verdade, dentro de uma instituição não existem profissionais mais ou menos importantes, mas apenas pessoas com diferentes funções e responsabilidades. As nossas auxiliares são, mais do que o nosso apoio, nossas colegas de equipa.

Falta-nos ainda referir as crianças. Sem dúvida alguma, elas são a razão de ser de toda esta reflexão e a preocupação de melhorar a cada dia o nosso desempenho, parte de uma grande vontade de sermos cada vez melhores como agentes de promoção do seu desenvolvimento. Assim, as educadoras do Centro Infantil acreditam que a criança constrói o seu próprio conhecimento, sendo a nossa função proporcionar experiências e dar-lhes apoio, ou seja, *“... para ajudar a criança a desenvolver todas as suas capacidades e atingir determinado nível de desenvolvimento que sozinha não seria capaz de alcançar naquele momento, o adulto deverá ter um papel activo no apoio intencional e sistemático que presta às crianças.”* (Formosinho, 1996, p. 99).

Ser educador é, acima de tudo, agir para tornar o presente agradável, visando um futuro satisfatório. Assim sendo, o educador deve ter consciência do que é importante e fundamental para as crianças, isto é, promover nas mesmas a capacidade de iniciativa, ajudando-as a projetar, a realizar, a fazer com que se sintam úteis e capazes.

As educadoras da instituição alvo trabalham de forma cúmplice mas não abdicam dos seus ideais de prática educativa o que é revelado de mensalmente em reunião pedagógica que serve de linha orientadora para o perfeito funcionamento da *“máquina”* que é a nossa Instituição. Às educadoras é dada autonomia no que concerne a organização de sala e na promoção do seu relacionamento das crianças e respetivas

famílias. É agradável presenciar o bom ambiente de trabalho vivido entre as educadoras responsáveis pelas diferentes salas e as suas auxiliares de ação educativa o que permite que se consiga um nível e ritmo de trabalho bastante satisfatório.

As educadoras elaboram anualmente o seu projeto curricular de sala de acordo com uma temática a desenvolver ao longo do ano letivo depois de um prévio estudo e conhecimento do grupo que deve ainda articular-se com o Projeto Educativo da Instituição e o Plano Anual de Atividade.

3.3. Auxiliares

O Centro Infantil Nova Aurora é aberto às 7h45m por duas auxiliares, alternadamente. Um bom acolhimento, realizado numa sala própria com televisão para as crianças se distraírem, consiste em evitar que a separação das crianças dos pais não seja tão sentida. Damos as boas vindas calorosas e acolhedoras, permitindo assegurar, não só às crianças, mas também aos seus pais, despedidas agradáveis e cordiais, dando-lhes a entender que o nosso Infantário é um segundo lar.

A partir das 8h30m as crianças são dirigidas às respetivas salas acompanhadas pelas auxiliares ou educadoras.

No entanto, o nosso trabalho como auxiliares não se restringe só aos pequenos, mas também no apoio à educadora em todo o trabalho de sala, bem como no refeitório. Na creche um dos momentos que consideramos importante é a sesta. Como estratégia usamos a música, o carinho, o embalo ... permitindo um adormecer tranquilo, recuperador de energias para o continuar das travessuras.

Outro dos momentos considerados por nós importantes é o prolongamento da tarde, realizado após o lanche, sendo esse prolongamento diferenciado na Creche, na Pré e no ATL. As crianças da Creche regressam à sala depois do lanche, começando a sua preparação para que estejam prontas à chegada dos pais. Na pré-escola, o prolongamento é feito na sala ou na salinha de televisão, enquanto na sala do ATL é dado, mais uma vez, o apoio aos trabalhos de casa e a outras atividades de sala. Com o aproximar do final do dia as crianças da Creche juntam-se às crianças da pré-escola na sala de televisão. O seu acompanhamento prolonga-se até às 19h00.

Importante será ainda salientar que as nossas funções não se limitam só aquelas exercidas dentro da instituição, a nossa ação engloba também o acompanhamento às atividades extra como a natação.

Quanto à natação, esta é praticada às 2ª e 5ª feiras de manhã pelas crianças da Pré-escola. Neste acompanhamento as nossas funções baseiam-se em orientar e colaborar no despir e no vestir, consciencializando sempre a criança para a sua autonomia.

Para além das tarefas exercidas nas respetivas salas, as auxiliares estão sempre preparadas e disponíveis para corresponder às necessidades que possam surgir.

3.4 . Pessoal de manutenção

Todos os que incluímos no pessoal de manutenção são aqueles cujo trabalho não se realiza diretamente com as crianças, mas que com elas convivem diariamente e o seu desempenho é essencial à vida da instituição.

Na cozinha podemos encontrar todos os dias a D. Emília e a D. Elisabete, cujo desempenho é extremamente importante para o bem-estar das nossas crianças, uma vez que lhes cabe a responsabilidade de confeccionar as refeições. Para além disto, tem conhecimento das alergias alimentares que cada criança faz e que obriga a confeccionar outro prato para aquela criança, e conhecem o evoluir na alimentação dos mais pequenos.

Depois, no apoio ao refeitório e à limpeza, temos a D. Gabriela e a D. Fernanda. Assim, também estes dois elementos têm uma convivência próxima com as crianças, dando muitas vezes ajuda em situações como o refeitório, o que as torna parte integrante da vida das crianças. Para além do refeitório, são elas que tratam da limpeza dos espaços e salas.

Todas estas pessoas têm consciência de que o seu contacto com as crianças lhes confere uma grande responsabilidade, porque não deixam de ser modelos. A relação com todos os outros adultos da instituição é constante, pelo que o debate conjunto de situações e ideias está sempre presente. Então, mais uma vez será necessário referir que não são elementos mais ou menos importantes do nosso staff, mas antes constituintes fundamentais desta nossa equipa.

4. Parcerias

Sendo uma instituição que trabalha com crianças é fundamental estarmos interligados com outras instituições / órgãos que nos permitam melhorar a qualidade dos nossos serviços. Desta forma estabelecemos parcerias com outros agentes, tirando partido dos serviços e oportunidades que a comunidade nos oferece:

- Junta de Freguesia de Paranhos;
- Banco Alimentar;
- Segurança Social;
- Instituto de Emprego e Formação Profissional

IV Parte

1.A importância do Faz-de-Conta

Brincar é um direito fundamental de todas as crianças do mundo e cada criança deve ter condições de aproveitar as oportunidades educativas, satisfazendo as necessidades básicas de aprendizagem. A escola deve oferecer oportunidades para a construção do conhecimento através da descoberta e da invenção. Associar a educação da criança ao jogo não é algo novo. Os jogos fazem parte da atividade do ser humano, tanto no sentido de recrear como de educar ao mesmo tempo. A relação entre o jogo e a educação remontam a décadas, mas é a partir do século XVII que se expande a imagem da criança como ser distinto do adulto e o brincar destaca-se como sendo típico da idade.

Neste período da vida da criança, são relevantes todos os aspetos da sua formação como membro do grupo social a que pertence.

Vinculado ao sonho, à imaginação, ao pensamento e ao símbolo está o jogo, tendo este como base o jogo e as linguagens artísticas. Segundo Kishimoto (1994), o homem é visto como ser simbólico, que se constrói e cuja capacidade de pensar está ligada a capacidade de sonhar, imaginar e jogar com a realidade, assim é fundamental propor uma nova “pedagogia da criança”. No âmbito de mudanças educacionais, os educadores devem ser multifuncionais, ou seja, não apenas educadores, mas filósofos, sociólogos, psicólogos e muitos mais para que assim possam desenvolver as habilidades e a confiança necessária nas crianças.

No entanto, a ansiedade, o medo, a resistência e a esperança marcam para que tenham sucesso no processo de aprendizagem e na vida.

O espaço escolar pode-se transformar num espaço agradável, prazeroso, para que as brincadeiras e jogos permitam ao educador alcançar sucesso na sala de aula. O jogo e a brincadeira são por si só, uma situação de aprendizagem. As regras e a imaginação favorecem à criança comportamentos além dos habituais, estes, contribuem de forma intensa e especial para o seu desenvolvimento, podemos assumir que o brincar é um direito fundamental de todas as crianças.

A perspectiva teórica do sócio interacionismo destaca o papel do adulto frente ao desenvolvimento infantil, cabendo-lhe proporcionar experiências diversificadas e enriquecedoras, com a finalidade de que as crianças possam fortalecer a sua auto estima e desenvolver as suas capacidades, fornecendo uma imagem positiva de si mesma, aceitando-a e apoiando-a sempre que for preciso. O educador precisa manter um comportamento ético para com as crianças.

O autor Kishimoto (1994) refere que a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento lúdico facilita, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, facilitando os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. A formação lúdica assenta em pressupostos que valorizam a criatividade, o cultivo da sensibilidade, a busca da afetividade, a nutrição da alma, proporcionando vivências lúdicas, experiências corporais que se utilizam da ação, do pensamento e da linguagem, tendo o jogo como fonte dinamizadora.

Antigamente, a criança não tinha existência social, era considerada miniatura do adulto ou quase adulto ou adulto em miniatura assim como acontecia com os jogos e brinquedos, também estes não tinham conotação que têm hoje, eram vistos como fúteis e tinham como objetivo a distração e o recreio.

Podemos encontrar ao longo da história épocas e culturas que têm uma visão diferente de infância, mas a que predominou foi a da criança como ser inocente, inacabado, incompleto, um ser em miniatura, dando à criança uma visão negativa. Mas só no século XX a conotação para a infância ganhou outro sentido, quando psicólogos e pedagogos começaram a considerar a criança como uma criatura especial com especificidades, características e necessidades próprias.

O aparecimento do jogo e do brinquedo como fator do desenvolvimento infantil proporcionou um campo amplo de estudos, pesquisas e hoje é consensual a importância da componente lúdica. As atividades lúdicas permitem a formação do autoconceito positivo, possibilitam o desenvolvimento integral da criança (físico, afetivo, intelectual e social).

Ao professor cabe, organizar os espaços lúdicos de modo a permitir um ambiente calmo nas diferentes formas de jogo. Este precisa também estar atento à idade e às capacidades dos seus alunos para seleccionar e deixar à disposição materiais adequados. Deve valorizar as atividades das crianças, interessando-se por elas, evitando a competição, pois em jogos não competitivos não existem vencedores ou vencidos. Outro modo de estimular a imaginação das crianças é servir de modelo, brincar com elas e contar como brincava quando tinha a idade delas. A decisão de se permitir envolver no mundo mágico infantil exige do educador conhecimento teórico, prático, capacidade de observação, amor e vontade de ser companheiro da criança neste processo.

O brincar é uma característica primordial na vida das crianças e é importante porque, é bom, dá felicidade e ser feliz é estar mais predisposto a ser bondoso, a amar e a partilhar. Porque é a brincar que a criança se desenvolve e exercita as suas potencialidades. Porque a criança aprende com toda a riqueza do aprender fazendo espontaneamente, sem pressão ou medo de errar, mas com prazer pela aquisição do conhecimento. Porque, desenvolve a sociabilidade, faz amigos e aprende a

conviver respeitando o direito dos outros. Porque se prepara para o futuro, experimentando o mundo em seu redor. Sendo assim, o brincar para as crianças não é uma questão apenas de pura diversão, mas também de educação, socialização, construção e pleno desenvolvimento das suas potencialidades.

Por forma a compreendermos melhor a complexidade desta questão e a sua importância esclarecemos alguns pontos que consideramos relevantes.

1.1.O que é o brincar?

Brincar é criar, imaginar, interagir com o outro. A brincadeira não só desenvolve o lado motor da criança, como promove processos de socialização e descoberta do mundo, é um direito fundamental das crianças, onde através de atividades lúdicas exploram o seu mundo interior e imitam aspetos da vida adulta, para compreendê-la.

O brincar tem funções lúdicas e educativas, ambos com valor pedagógico. A brincadeira pode ser livre ou orientada, mas o importante é que o educador consiga equilibrar estas funções para que se alcance a aprendizagem.

Rir, saltar, chorar, sentir medo, reclamar, ficar triste, faz parte do processo de aprendizagem. É na brincadeira que os sentimentos, emoções e atitudes irão manifestar-se de forma natural, permitindo assim um desenvolvimento motor, mental, emocional e social.

Neste sentido o brincar é o ato de movimentar-se o que é de grande importância biológica, psicológica e cultural, pois é através da execução dos movimentos que as pessoas interagem com o ambiente, relacionando-se com os outros, aprendendo sobre si os seus limites e capacidades, solucionando problemas.

Algumas instituições de ensino não valorizam a aprendizagem através do lúdico e da brincadeira. No entanto, é primordial que as práticas pedagógicas nas instituições/escolas envolvam brincadeira e jogos para que a criança sinta prazer em aprender, como também em ir para a escola/instituição, desenvolvendo assim o raciocínio lógico, social e cognitivo.

Há brincadeiras que possuem regras estabelecidas como por exemplo, as “caçadinhas” ou as “escondidinhas”, mas existem momentos em que a criança usa o faz de conta para expressar as suas emoções, criando as suas próprias regras exercitando a sua imaginação e explorando as diferentes representações sociais.

A brincadeira estimula a criança a desenvolver a atenção, a memória, a autonomia, a capacidade de resolver problemas, de se socializar, desperta a curiosidade e a imaginação de forma prazerosa e como participante ativo do seu processo de aprendizagem.

1.2. Porque se brinca na Educação de infância

A criança desde muito cedo comunica através de gestos e sons e mais tarde representa determinados papéis nas brincadeiras, isso faz com que aumente a sua imaginação e amadurecem as capacidades de socialização, por meio da interação, utilizando e experimentando as diferentes regras e papéis.

O brincar dá prazer e para as crianças isto é fundamental, pois através da brincadeira ela aprende. Para os profissionais de educação é essencial que exista uma relação entre os objetivos que precisam de ser alcançados com o modo lúdico de ensinar.

Em algumas situações é possível perceber que a criança só consegue entender um conceito e alcançar o conhecimento se este for trabalhado dentro de uma brincadeira. Ao contrário ela não acompanha e acaba desinteressada.

Numa brincadeira é possível trabalhar inúmeros conceitos como as cores, as formas geométricas, dentro/fora, grande/pequeno, cheio/vazio, entre outros.

A educação de infância é um processo para a alfabetização e através dos jogos de encaixe, da pintura com o pincel, são trabalhados os movimentos para a escrita. Por isso, a importância dos seus mecanismos, ferramentas e estratégias pedagógicas, que visa a criação de condições para satisfazer as necessidades básicas da criança, oferecendo-lhe um clima de bem-estar físico, afetivo, social e intelectual, através da programação de atividades lúdicas que levam a criança a agir com espontaneidade, estimulando novas descobertas.

O brincar é a primeira linguagem, a partir das atividades lúdicas é que ela irá desenvolver-se facilitando o seu processo de socialização, comunicação e construção de pensamentos. No primeiro momento, a criança brinca sozinha, representando vários papéis, dando vida a objetos, atribuindo-lhes sensações e emoções. Aos poucos ela começa a sentir necessidade de interagir com outras crianças e a partir daqui, a brincadeira começa a tornar-se mais complexa. A criança começa a ter que respeitar a vontade do outro. E assim, a brincadeira evolui na sua estruturação, fazendo com que

exista uma evolução mental da criança. As atividades lúdicas não só dão prazer, como também prepara a criança para viver em sociedade e impulsiona-a a procurar soluções para situações de conflitos do quotidiano.

A Educação de infância é o “berço” das descobertas, é uma fase em que não podem faltar estímulos. Sendo assim, o lúdico torna-se a peça essencial no ensino-aprendizagem.

1.3.A motivação do brincar e a atuação do educador

O brincar é considerado uma atividade social e cultural e este espaço deve ser construído para e pela criança. É importante que o brincar esteja inserido num projeto pedagógico mais amplo da Instituição, é necessário que a instituição valorize o brincar como forma de ensinar e não como um “passatempo”.

As instituições devem oferecer as condições necessárias para florescer o lúdico, pois o brincar é uma forma adequada e que colabora para perceber a criança e estimular o que ela necessita aprender e desenvolver. A partir disto, é importante que o educador saiba agir e coordenar o local de aprendizagem. O educador deve considerar as múltiplas possibilidades educativas, isto significa que o educador tem a responsabilidade de proporcionar momentos e condições necessárias, contribuindo ao máximo para o desenvolvimento da criança.

A educadora necessita de um suporte teórico e, acima de tudo, acreditar que os momentos de brincar constituem ferramentas indispensáveis no processo de desenvolvimento das qualidades psíquicas, o que possibilitará a aquisição de conhecimentos de forma prazerosa e adequada ao nível de desenvolvimento desta etapa da vida.

1.4. O brincar livre

O contexto escolar na infância tem como principal meio de aprendizagem o lúdico, a fantasia e a brincadeira.

Dentro do ambiente escolar pode-se observar que em determinados momentos estas brincadeiras são livres, ou seja, o educador não dita uma regra ou objetivos a serem cumpridos. E isto dá-se propositadamente, pois é através da brincadeira livre que

é possível saber algumas preferências da criança, se ela gosta de liderar ou se é mais tímida.

A brincadeira livre estimula a capacidade individual da criança, de acordo com a sua maturidade, faz com que ela procure o porquê das coisas. É o momento de descobertas e de exploração do espaço em que a criança está inserida. O brincar livre leva a criança a desenvolver-se socialmente por meio da interação.

Na educação infantil, a prática pedagógica e a brincadeira precisam caminhar juntas, só assim o que se aprende terá significado para a criança.

1.5.O brincar orientado

O brincar orientado terá sempre uma regra, um ponto de partida. É uma ferramenta pedagógica que irá proporcionar uma troca de conhecimento entre educadores e as crianças e entre os pares.

Pode-se observar, através de uma atividade orientada, se a criança tem a capacidade de organizar o seu pensamento, o nível de concentração e se dentro das regras impostas, consegue resolver situações e problemas. Com isto, estará a desenvolver o seu raciocínio lógico, a memorização e a capacidade de observação.

O brincar orientado é tão importante como o brincar livre, pois através dele a criança desenvolve habilidades específicas como: percepção, atenção, concentração, identificar a voz de “comando”, etc...

Dirigir uma atividade é colocar condições e regras para serem cumpridas. E dentro de cada brincadeira existem conteúdos e objetivos a serem alcançados.

Quando há interesse há aprendizagem, no entanto é necessário que o educador procure alternativas e estratégias que estimulem a criança. A brincadeira na infância e em algumas situações, precisa da participação do educador para ouvir, observar, perguntar, enfim atuar como facilitador da aprendizagem.

O brincar marca desde cedo a infância da criança e encontra-se presente ao longo da mesma. É através da brincadeira do faz de conta que consegue reviver situações que lhe causaram desequilíbrio emocional e ao confrontá-las reorganiza as suas estruturas mentais. Sendo assim, o brincar é um fator essencial para o seu desenvolvimento. Segundo Winnicott (1971) “*o brincar facilita o crescimento e,*

portanto, a saúde; o brincar conduz a relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia”.

Ao utilizar o mundo imaginário, a criança consegue compreender o mundo real onde se encontra inserida. É através do faz de conta que desenvolvem a capacidade de imitar, imaginar e representar. Kishimoto (2003) refere que “ *a brincadeira de faz de conta, também conhecida como simbólica, de representação de papéis ou sociodramática, é a que deixa mais evidente a presença da situação imaginária. Ela surge com o aparecimento da representação e da linguagem, em torno 2/3 anos*”.

Quando vemos uma criança brincar pensamos que é uma simples ação sem reflexão, mas o jogo simbólico é bastante complexo, uma vez que leva a criança a imitar a representação social, revivendo situações de alegria, medo, excitação, raiva e ansiedade. Quando brincam as crianças são capazes de exprimir as emoções que mais necessitam de ser trabalhadas para posterior compreensão. A criatividade também é desenvolvida ao longo do jogo de faz de conta, onde as crianças representam vários papéis, cantam e dançam, tudo por intermédio da criatividade. Tal como preconiza Winnicott (1971) “*é no brincar, e somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu*”.

Piaget (1967) afirma que o jogo simbólico seria o refúgio ao qual a criança recorre para poder assimilar somente o que lhe interessa, procurando a sua satisfação e não a busca pela verdade. Segundo Vygotsky (2000) “*a imaginação é importante para se descobrir a solução de problemas, mas não se preocupa com a verificação e a comprovação que a busca da verdade pressupõe*”.

Tendo em conta a teoria piagetiana, podemos afirmar que o jogo simbólico possibilita a aquisição de novos conhecimentos e novos esquemas intelectuais, ajudando-as a superar obstáculos e a aceitar o mundo real em que vive, levando-a assim, ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

1.6.O papel do brinquedo

Como preconiza Vygotsky (2007), o brinquedo tem como função satisfazer os desejos da criança em idade pré-escolar, uma vez que nesta faixa etária o brinquedo é

algo essencial para o seu desenvolvimento e amadurecimento. O brinquedo tem para a criança um significado acentuado, pois é a ponte que liga a imaginação à brincadeira, onde a criança consegue imaginar e dar novos significados a um objeto como a um brinquedo. É através do mesmo que a criança encontra soluções e o seu prazer, mas mesmo assim estará em conflito, pois o certo a fazer nem sempre é o que pretende que aconteça. Assim, recorre ao jogo simbólico para aceitar o que a inquieta, e quando vence os obstáculos, encontra o seu prazer imediato.

Podemos então afirmar que o brinquedo, o brincar e a brincadeira de faz de conta é relevante e insubstituível para o desenvolvimento da criança. Vygotsky (2007) afirma que *“a criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo”*. Privar a criança destes momentos de fantasia, imaginação e significado, dos quais tem o total poder, pode interferir na forma como atinge o seu equilíbrio.

1.7.O papel do professor

Segundo Perrenoud (2000) trabalhar na área de educação exige do educador a capacidade de gerir a sua qualificação, aprimorar as suas competências e capacidades. É igualmente necessário refletir os conteúdos e metodologias, uma vez que a escola e a sociedade se encontram em permanente mudança.

É essencial que o educador mantenha uma formação contínua para ser capaz de responder às necessidades e interesses evidenciados pelas crianças. Outro aspeto relevante é a reflexão que o professor deve fazer regularmente, de forma a repensar as suas práticas e metodologias, avaliando igualmente os erros cometidos de forma a corrigi-los. O autor Piaget (1998) também refere que os relacionamentos pessoais e o meio determinam a forma como o indivíduo, desde criança, compreende o mundo que o rodeia.

No que diz respeito aos relacionamentos pessoais existem o coercivo e o cooperador. O coercivo está ligado à heteronomia, ou seja, os adultos transmitem às crianças informações, o que as impossibilita de expressar o seu sentido crítico. O cooperador encontra-se nas pessoas autónomas, mas é necessário trabalhar essa autonomia em contexto escolar. Uma das características deste relacionamento é o respeito.

Outro parâmetro que o professor deve ter em conta é a observação. É relevante observar as crianças, as suas interações, os seus sentimentos, as suas dificuldades e as suas conquistas.

Em suma, o professor é o mediador entre o mundo da criança e o mundo social. É considerado um dos responsáveis pelo conhecimento do mundo da criança, da sua interação com o meio, bem como promover o jogo simbólico.

2. A importância do contexto escolar para a atividade lúdica

A fase de Educação Infantil é o início da vida escolar de uma criança, onde esta irá desenvolver a parte cognitiva, motora, psicológica, social e cultural. Assim, para que aconteça o processo de ensino- aprendizagem, é fulcral que o indivíduo explore o ambiente que o envolve.

O espaço, a estrutura física, os objetos disponíveis dentro das instituições atuam como facilitadores das aprendizagens, daí a importância de salas arejadas com espaços adequados à quantidade de crianças, brinquedos atrativos e de fácil acesso para que possam ser manuseados livremente. O ambiente deverá envolver a criança, ser prazeroso e com cores vibrantes de forma a estimular a aprendizagem. “ *É nesse meio que, ao estender a mão em busca de um objeto, a criança adquire a noção de distância; é ainda nele que exercita o seu domínio, equilibra-se, caminha e corre (...). É num espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas* (Lima, 1989). Deste modo, as trocas de saberes acontecerão naturalmente através dos vários tipos de linguagem: oral, corporal, gestual e musical retratando a realidade de cada um.

A necessidade de um ambiente escolar de qualidade, impulsiona um olhar diferenciado sobre a preocupação em adequar a sua estrutura de acordo com as fases de desenvolvimento de cada faixa etária.

A criança precisa de estímulos tanto do adulto, quanto do espaço físico e é neste sentido que a importância do ambiente escolar não se refere apenas às estruturas físicas mas também a profissionais educacionais envolvidos e comprometidos com o ato de educar.

Assim que a criança nasce o seu primeiro grupo social é a família e o segundo a escola. Desta forma podemos observar que a cada indivíduo chega à instituição trazendo

uma bagagem cultural e é neste cenário que escola é essencial para o sujeito se desenvolva e troque experiências. A preocupação deve incidir em desenvolver no aluno as suas capacidades cognitivas e habilidades mas também fazer do sujeito um ser pensante, questionador e formador de opiniões para que saiba agir em sociedade.

O brincar está associado à criança há séculos. Mas foi através de uma rutura de pensamento que a brincadeira passou a ser percebida e valorizada no espaço educacional das crianças menores. No passado, o que se via era o brincar apenas como forma de fuga ou distração, não lhe sendo conferido o caráter educativo, contudo atualmente a escola assume um papel fundamental na aceitação do brincar e da sua função socializadora e integradora. A sociedade moderna cada vez mais tem sofrido transformações em relação ao brincar e ao espaço que se tem para brincar, os pais e os filhos têm pouco tempo para ficarem juntos a brincar. A escola acaba sendo a única fonte transmissora de cultura, onde ainda existem espaços para as crianças brincarem, tendo os profissionais de educação a incumbência de ensinar e resgatar as brincadeiras populares, mas não só isso, como também o jogo deve fazer parte do cotidiano das crianças, e seria usado como uma nova forma de transmitir conhecimento, pois a atividade lúdica é benéfica ao aprendizado.

3.A importância do contexto familiar para a atividade lúdica

A educação infantil é a base para o desenvolvimento cognitivo e social da criança. É a etapa onde as fantasias estão a floradas, em que o lúdico está presente nas mais diversas atividades contribuindo para o processo ensino – aprendizagem.

A criança aprende a brincar, a brincadeira faz parte da infância, e ela precisa desta para se desenvolver. Contudo, a educação não acontece sozinha, precisa de recursos, de uma equipa de profissionais capacitados mas principalmente da participação dos pais pois a família é extremamente importante na vida escolar do educando podendo inibir ou despertar a vontade de aprender. Deste modo, cabe à mesma junto com a escola, incentivar, participar e envolver-se contribuindo efetivamente na aprendizagem dos filhos.

O fato da educação infantil ser uma fase onde se aprende a brincar, não significa que seja um simples “passatempo”. O lúdico, as brincadeiras, o brinquedo e os jogos atuam como facilitadores de aprendizagem. Nesta fase, as crianças exploram e experimentam tudo o que tem em seu redor, as aprendizagens começam através do próprio corpo logo, quando uma criança é estimulada em casa, o aprender para ela torna-se mais prazeroso e a escola passa a ser um ambiente agradável.

A participação dos pais na escola é importante para o crescimento integral da criança. Todavia, o que mais pode ser observado dentro das instituições são pais desinteressados e sem tempo. Neste sentido, as instituições precisam de criar projetos de consciencialização dos pais, palestras com pedagogos, psicopedagogos, psicólogos, entre outros; realizar reuniões de pais focadas no processo de ensino-aprendizagem, apresentando práticas pedagógicas, tirando dúvidas e marcando encontros em horários convenientes aos pais. É conveniente que os pais conheçam o método da instituição para que haja um entendimento das atividades propostas pelos educadores, saber os objetivos da proposta pedagógica e os meios para atingi-los, algo que é possível através de uma relação dialógica entre família e a instituição. É importante as instituições ouvirem os pais e não intimidá-los, escutar as suas queixas e sugestões para que se desenvolva um relacionamento de cumplicidade. Assim sendo, quando a criança percebe que existe uma aliança entre pais-instituição sente-se conseqüentemente mais segura.

A família é considerada a menor unidade da sociedade e pode ser considerada a primeira, mais duradora e estável caracteriza-se como o menor grupo social que se tem conhecimento. Sendo assim, os pais ou responsáveis devem assumir o papel de mantenedores dessa célula da sociedade, provendo sustento e educação, além de transmitir valores culturais.

Quando os pais brincam com os filhos podem ensiná-los a perder medos e a lidar com frustrações. É a melhor forma de ajudá-los a desafiar a vida e a vencer alguns obstáculos. Eles se sentem mais confiantes, pois têm a pessoa amada ao seu lado. Segundo estudos recentes, 30 minutos por dia já são suficientes para ter uma criança segura, feliz e de bem com a família. Mas será que os pais conseguem dedicar e priorizar 30 minutos para o desenvolvimento adequado dos seus filhos? Em vez de dar o videogame do momento, os pais deveriam presentear-los com algo melhor: mais tempo para os filhos. Assim, podemos dizer que não é o brinquedo que se torna o mais importante, mas o ato de brincar. O momento que família dedica ao filho, abrindo mão

de formalidades, sentado no chão, mudando a voz, fazendo personagens, inventando brincadeiras, trocando de papéis.

Os pais deveriam, no mínimo conhecer e reconhecer os benefícios que o ato de brincar proporciona às crianças. Assim, além de mudarem suas posturas, valorizam mais o brincar dessas crianças na escola. No entanto, é importante ressaltar que apesar dos grandes benefício que o brincar na escola proporciona, nada pode substituir a brincadeira entre pais e filhos, pois os benefícios da troca entre os progenitores e seus descendentes geram confiança e estabilidade para que essas crianças se sintam preparadas para interagir com novas comunidades.

Por tudo o que foi mencionado anteriormente podemos mencionar que são muitos os benefícios do brincar, podemos dizer que estão ligados ao desenvolvimento infantil. Tanto o brincar pelo brincar, quanto o brincar dirigido (jogos), fazem bem à criança e ao seu desenvolvimento em todos os aspetos.

Como já mencionamos anteriormente são inúmeros os benefícios causados pelo brincar, sendo eles alguns aqui citados, deixa as crianças mais felizes e alegres, bem como as diverte, desenvolve habilidades físicas, ensina a respeitar as regras, ajuda na socialização, no aprendizado, na criatividade, na relação cm o próximo.

É extremamente importante divulgar entre pais, responsáveis, profissionais da educação, os benefícios que o brincar traz para o desenvolvimento das crianças. Quando as crianças são estimuladas, o reconhecimento dos benefícios tem um valor muito maior. E conforme já foi citado anteriormente, os pais podem exercer um papel importantíssimo no brincar de seus filhos.

De acordo com que Machado (2003) diz, a mãe também brinca com o seu bebê mesmo antes de ele nascer, pois fica imaginando como será ser mãe, e associa as lembranças de quando brincava com a sua boneca. Assim, quando o bebê nasce, já há uma relação criada da mãe para com o bebê e do bebê para com a mãe, pois esse já reconhece a sua voz. No princípio, a relação acontece como se o bebê fosse o brinquedo da sua mãe e ao interagir com ele diariamente, a criança vai aprendendo a linguagem do brincar e se vai apropriando dela.

Nessa relação contínua, o bebê vai se diferenciando da sua mãe e começa a criar outros parceiros, que são os outros adultos com quem ela irá interagir. Esses parceiros precisam de lhe propiciar um ambiente que permita a criança ser criança e desenvolver-se utilizando o corpo e os seus sentidos, sentindo-se livre para criar o seu brincar.

Dessa, forma a criança desenvolve-se através das interações que estabelece com os adultos desde muito cedo. A sua experiência sócio histórica inicia-se nessa interação entre ela, os adultos e o mundo criado por eles, e quando os pais estimulam os seus filhos durante a brincadeira, se tornam mediadores do processo de construção do conhecimento, fazendo com que os seus filhos passem de um estágio de desenvolvimento para outro.

4.Brincar como Linguagem Universal

Estudos atuais têm-se preocupado em observar a infância e as suas brincadeiras visando compreender as formas de sociabilidade da criança e o seu diálogo com a cultura adulta. Assim, percebeu-se que a criança, a sua infância e a sua produção cultural são dignas de serem estudadas em si mesmo e não apenas baseados no que os adultos pensam dela.

O processo de socialização que antes era entendido como uma espécie de preparação para a fase adulta passou a focar as práticas da criança e as suas experiências de autonomia. A brincadeira é uma das linguagens que se destacam na infância e é através dela que a criança significa o mundo, constituindo as suas práticas culturais.

Dessa forma, é na brincadeira que se pode propor à criança desafios e questões que a façam refletir, propor soluções e resolver problemas. Brincando, elas podem desenvolver a sua imaginação, além de criar e respeitar regras de organização e convivência, que serão, no futuro, utilizadas para a compreensão da realidade. A brincadeira permite também o desenvolvimento do autoconhecimento, elevando a autoestima, propiciando o desenvolvimento físico-motor, bem como o do raciocínio e o da inteligência.

As crianças possuem rituais, brincadeiras e jogos que foram transmitidos de geração em geração e compartilhados por diferentes classes sociais, rompendo as fronteiras do tempo e do espaço. Por isso, pode-se perceber, por exemplo, a permanência do pião, da pipa, da brincadeira de roda, ensinadas pelos nossos avós, aprendidas por os nossos pais, praticadas por nós e reproduzidas pelos nossos filhos, ultrapassando fronteiras e sendo encontradas em diferentes culturas, mesmo que repaginadas.

Historicamente os jogos exprimem formas sociais de organização das experiências dos seres humanos, onde por meio da brincadeira é possível experimentar o mundo. A ludicidade concretiza-se na produção das culturas infantis que são constituídas na interação com a cultura mais ampla.

No faz de conta podem-se exercer diversos papéis para, dessa forma, melhor compreendê-los. E, à medida que esse processo se amplia com a participação de outras pessoas, a criança vai aprendendo a lidar com diferentes situações, a estabelecer relações entre ela e o outro, ao mesmo tempo que se defere a este. As brincadeiras como cantigas de roda, cabra-cega, queimada e os diversos tipos de atividades desportivas e jogos como futebol, xadrez e damas, por exemplo, apresentam situações pré-estabelecidas, não são criadas por um indivíduo em particular.

Crianças de diferentes contextos sociais e históricos operam com essa linguagem (brincadeira e brinquedo) na sua compreensão do mundo. Isso mostra o caráter e a dimensão universal que tem essa linguagem.

V Parte

1. Caracterização das famílias

1.1. Questionário

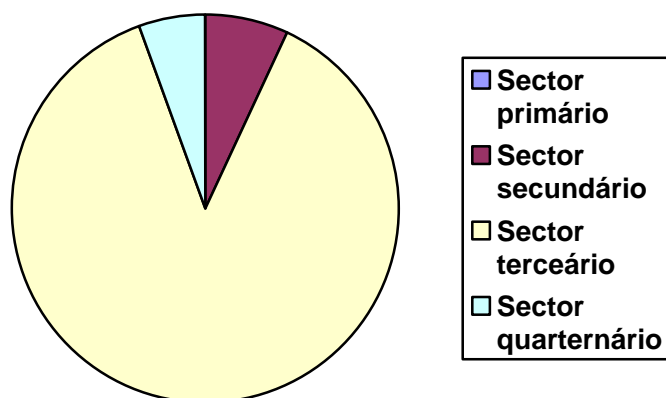
Por forma a estarmos conscientes do tipo de população que servimos, para a elaboração do projeto contamos com a aplicação de questionários (ver anexo 1) entregues às famílias das crianças. Sendo um questionário um instrumento que nos permite recolher informação achamos pertinente aplica-lo ao às famílias das nossas crianças permitindo-nos à posterior estarmos dotados de um maior conhecimento que nos permita conhecer as características das famílias.

1.2. Apresentação dos resultados e análise crítica

Para ser possível a apresentação destes resultados foram realizados questionários a todos os agregados familiares da instituição.

Recorreu-se ao tipo de questionário fechado de resposta curta e direta, uma vez que este tipo de pesquisa nos dá a possibilidade de estudar uma pequena amostra da comunidade em que estamos inseridos.

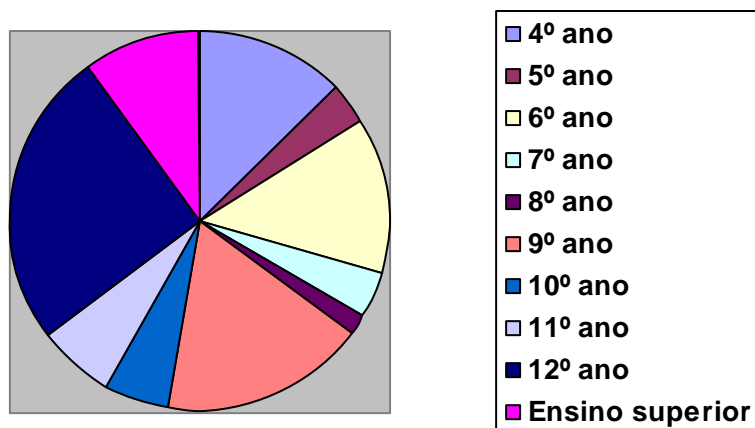
Gráfico 1: Sectores económicos



Análise do gráfico:

O **Gráfico 1** mostra-nos as profissões distribuídas por sectores de atividades. Observamos assim que, o sector terciário é o sector predominante do nosso grupo alvo. Os sectores secundários e quaternários encontram-se em linha de igualdade, não havendo nenhuma amostra no sector primário.

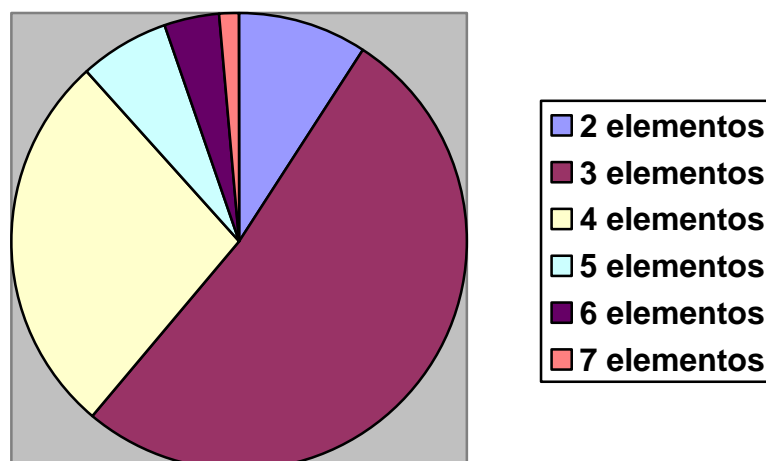
Gráfico 2: Habilitações literárias



Análise do gráfico:

Analisando o **Gráfico 2**, num total de 150 respostas adquiridas relativas às habilitações literárias, verifica-se que o 12º ano é o ano de escolaridade com maior frequência, verificando-se o oposto relativamente ao 8º ano.

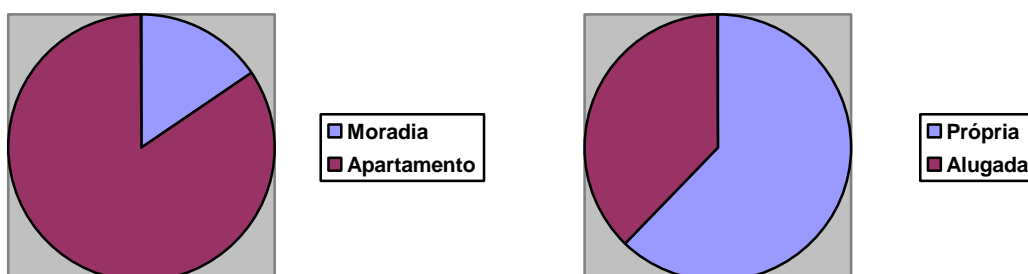
Gráfico 3: Agregado familiar



Análise do gráfico:

O **Gráfico 3** retrata-nos as tipologias de famílias, onde podemos verificar que existe uma maior incidência no agregado familiar com três pessoas e uma menor no agregado mais extenso, com sete pessoas, isto é, verificando-se apenas uma família.

Gráfico 4 e 5: Tipo de habitação



Análise do gráfico:

Nos gráficos apresentados, podemos verificar que a maior parte do nosso grupo alvo vive em apartamento.

Concluimos também que na sua grande maioria possuem habitação própria.

Gráfico 6: Atividade Profissional

PROFISSÕES							
Administrativa	7	Formadora CAD/CAM	1	Pasteleiro	1	Técnica de Tráfego Marítimo	1
Auxiliar de Ação Educativa		Gerente	6	Pintor	2	Tesoureiro	1
Auxiliar de Ação Médica	1	GNR	1	Professora	1	Técnico de Informática	1
Assistente Administrativa	1	Gestor de Rede Comercial	1	Profissional Futebol	1	Técnica Superior de Serviço Social	1
Analista	1	Montador Pneus	1	Químico Especializado	1	Trolha	1
Auxiliar Médico-Veterinária	1	Militar	1	Rececionista	2	Técnico Comercial	1
Acabadeira de Confeções	1	Motorista	4	Reformado	1	Técnica de Vendas	2
Advogado	1	Mecânico	2	Serralheiro	2	Técnico de Turismo	1

Atendimento ao Público	1	Montador de Estruturas Mecânicas	1	Serralheiro Mecânico	1	Técnico de Manutenção	1
Agente PSP	6	Manicura/pedicura	1	Supervisora	1	Vendedor	2
Aposentado	1	Operadora de Caixa	2	Secretaria Comercial	1	Vendedor de Automóveis	1
Operacional de Agencia de Navegação	1	Operadora Eletrónica	1	Segurança	1	Vigilante	2

Análise do gráfico:

Podemos concluir que os pais das nossas crianças exercem atividade em diferentes áreas sendo que temos mais administrativos e agentes de segurança.

Gráfico 6: Habilitações Literárias

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS	
4º Ano	19
5º Ano	5
6º Ano	20
7º Ano	6
8º Ano	3
9º Ano	26
10º Ano	8
11º Ano	10

12º Ano	38
Ensino Superior	15

Análise do gráfico:

Grande maioria tem o Ensino Secundário, seguidamente o 2º ciclo de estudos.

Gráfico 7: Constituição do Agregado Familiar

AGREGADO FAMÍLIAR	
2	7
3	40
4	21
5	5
6	3
7	1

Análise do gráfico:

A constituição do agregado familiar baseia-se na maioria de três elementos, sendo que podemos assumir que muitos são filhos únicos.

TIPO DE HABITAÇÃO	
Moradia	12
Apartamento	65
Outros	0
Própria	48
Alugada	29

Análise do gráfico:

A maioria da população alvo deste questionário vive em apartamentos.

VI Parte

A questão central deste projeto é o brincar no ambiente Instituição/Escola e tem como objetivo mostrar que uma brincadeira vem acompanhada de uma aprendizagem, seja através de uma atividade livre ou orientada. É preciso que o educador entenda que o seu papel é importante como motivador deste processo educacional. E, por fim a conscientização dos pais, pois são peças fundamentais na vida dos seus filhos.

Através do brincar, é possível trabalhar o lado motor, cognitivo, social e emocional da criança.

Na educação infantil, a criança, por não saber ainda expressar os seus desejos através de palavras ou frases, comunica com o corpo e numa brincadeira é possível entendê-la. Esta é a fase do brincar, de desenvolver a criatividade, a imaginação, a aprendizagem de regras, etc...

Outro aspeto importante para o desenvolvimento integral da criança são os pais que, infelizmente, nem sempre entendem o papel da brincadeira e julgam ser apenas um passatempo. Deixam os seus filhos na Instituição/escola por não ter outra opção, às vezes porque trabalham ou até mesmo por lazer.

Defendemos assim que na fase da infância o que se torna realmente necessário é que a criança brinque, consiga enquadrar-se e socializar com o grupo, que respeite as regras da sala, que aprenda a ouvir os outros, que se concentre numa actividade (jogo, desenho, história, etc.) e que a termine dentro das suas capacidades; que desenvolva a motricidade, a criatividade e a capacidade de pensar sobre as coisas. Basicamente, a criança necessita de crescer, ganhar maturidade e competências sociais para, futuramente, estar mentalmente disponível para aprender a ler, escrever e contar, quando ingressar na escola.

1.Objetivos e estratégias da nossa intervenção

Objetivos:

- ✓ Promover situações de jogo simbólico dentro e fora da sala
- ✓ Favorecer o desenvolvimento da capacidade de jogo simbólico

- ✓ Estimular a capacidade de imaginação
- ✓ Estimular a capacidade de sonhar
- ✓ Fomentar o desenvolvimento da criatividade
- ✓ Estimular o desenvolvimento da capacidade de criar e recontar histórias
- ✓ Favorecer a capacidade de recorrer ao imaginário

Estratégias:

- ✓ Criar jogos de mímica
- ✓ Exploração de histórias e lendas
- ✓ Exploração de músicas e canções
- ✓ Dramatizações
- ✓ Visitas ao exterior a teatros, jardins, monumentos
- ✓ Recriar situações do quotidiano
- ✓ Investir na qualidade e quantidade de brinquedos
- ✓ Desenvolver jogos entre pares

Conclusão

O brincar envolve inúmeros aspectos de desenvolvimento do educando e neste sentido é fundamental que as instituições, pais e educadores estejam comprometidos com a educação. As instituições devem proporcionar um espaço harmonioso que atenda à ludicidade necessária à faixa etária da educação de infância.

O espaço infantil é o cartão de visita de uma instituição e, por isso mesmo precisa de passar credibilidade aos pais e familiares envolvendo-os neste processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. É essencial que este ambiente seja prazeroso e harmonioso para que a criança se envolva no processo ensino-aprendizagem de maneira a se desenvolver plenamente, satisfazendo todas as suas expectativas, todos os seus anseios, enfim toda sua vontade de aprender, para interagir no mundo como cidadão.

Sabendo que a finalidade da Educação de Infância tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança, entende-se que ela seja a base para as demais etapas do processo educacional, e que toda a sua proposta pedagógica deve estar direcionada às experiências e às vivências do educando, viabilizando assim a formação do indivíduo. É importante que os responsáveis tenham conhecimento a respeito das fases de desenvolvimento dos seus filhos, só assim o processo educacional terá eficácia em seus resultados. E o julgamento que muitos pais fazem sobre o infantil, dizendo que é uma etapa que não passa de “passatempos” acabaria ou diminuiria.

A escola deve promover encontros com os pais através de palestras com profissionais capacitados, para que as famílias tirem dúvidas sobre o desenvolvimento da criança. Os encontros devem ocorrer em horários em que os pais possam comparecer, e que sejam abordados temas de interesse dos mesmos.

Brincar é uma coisa séria, sendo assim é fundamental o papel do professor como mediador deste processo de ensino-aprendizagem. O educador deve estar comprometido com os princípios éticos, políticos e estéticos da educação. As atividades pedagógicas devem ser planejadas e refletidas de acordo com critérios de intencionalidade e continuidade educativa.

O brincar livre e o brincar dirigido contribuem para o aprendizado, onde a criança até mesmo em atividade livre está aprender a criar, montar, desmontar, encaixar, entre outros. É o momento em que o educador precisa estar atento, observar e avaliar

porque dentro da atividade livre é possível identificar a criança mais tímida, a líder, a que tem problemas de socialização, entre outros. Não basta apenas deixar as crianças brincarem, é importante que em alguns momentos esta brincadeira seja direcionada para que ampliem suas capacidades dos conhecimentos necessários ao seu pleno desenvolvimento.

Deste modo a escola deve preocupar-se em desenvolver habilidade e capacidades do educando, levando o sujeito, envolvido no processo educacional, a buscar realizações nos vários aspectos sociais, económicos, político, cognitivo e emocional, para que seja capaz de ser membro da sociedade, com possibilidades, inclusive de transformá-la.

Quando as crianças brincam, sentem-se livres para serem o que desejam e libertam-se de barreira que as impedem de serem como são ou como querem ser.

Atualmente vive-se numa sociedade em que tudo se faz ‘a correr’. O tempo é um bem precioso e a gestão do mesmo acaba por ser uma arte de mestria. Esta constante vivência em ‘correria’, onde tudo é agendado ao minuto, contamina inevitavelmente o dia-a-dia das crianças, preenchido pela presença no jardim-de-infância ou na escola e em inúmeras atividades extra curriculares. “*Está quieto*”, “*Não mexas nisso*”, “*Não te sentes no chão*” são apenas algumas das imposições contínuas que bombardeiam as crianças todos os dias. Nos dias de hoje há a cobrança do mundo onde objetivos imediatos devem ser alcançados, não havendo tempo a perder com o brincar, o conversar, o ouvir, o pensar e onde o respeito pelo espaço e o tempo de cada um não é respeitado, devemos combater essa mentalidade e permitir que as crianças brinquem espontaneamente, pois elas precisam aprender a resolver os seus conflitos, cabendo a nós profissionais da educação servir de mediadores para interferir quando necessário.

Frequentemente, a atividade por excelência que as caracteriza – o brincar – fica esquecida no meio da rotina e das vivências diárias. Durante muito tempo pensou-se que brincar não tinha utilidade biológica ou social, mas, na realidade, brincar é a forma de controlo das sociais da criança e um meio poderoso de aprendizagem sobre o mundo. É um dos fenómenos mais comuns e naturais da infância, não específico ao Homem, mas também partilhado com outras espécies.

A atividade lúdica permite estabelecer um elo de ligação entre as crianças, sendo um poderoso auxiliar na construção da relação com os outros e com o meio que as rodeia. Detentora de um papel fundamental no desenvolvimento emocional, cognitivo e

social, possibilita a estimulação da criatividade e o desenvolvimento da autonomia, da linguagem e de papéis sociais (fundamentais para a vida adulta), dotando a criança de maiores capacidades para pensar e resolver problemas. De facto, através do brincar, a criança vai-se familiarizando com as regras sociais e tomando contacto com experiências novas: ela explora, pesquisa, experimenta e aprende. Experimenta com relativa segurança ou com o mínimo de riscos (porque são situações puramente imaginárias) um novo comportamento familiar em contextos físicos ou sociais diferentes, sendo o comportamento lúdico em grande parte revogável: o que se faz ‘a brincar’ não tem as consequências habituais de um comportamento semelhante feito ‘a sério’. O jogo é algo com impunidade relativa e características não sérias. Toda e qualquer brincadeira impõe que as crianças tenham consciência destes aspetos e que emitam e reconheçam o sinal que “isto é uma brincadeira”.

Brincar permite que a criança se mantenha fisicamente ativa, que desenvolva a personalidade e as competências sociais, ajudando-a a lidar com emoções e sentimentos, possibilitando:

- Encenar experiências emocionais (por exemplo, separação dos pais, situações de luto, alterações significativas na vida da criança, sentimentos de alegria, tristeza, ciúme, medo);
- “Descarregar” tensões (por exemplo, alívio da dor, desconforto, frustração);
- Pesquisar (observar, explorar, descobrir);
- Treinar as competências de autonomia e de independência (atividade espontânea e voluntária, implicando empenhamento ativo por parte da criança);
- Divertir-se (sem objetivos específicos, apenas algo agradável e positivo).

À medida que a criança cresce, evolui socialmente de situações em que brinca sozinha, para brincadeiras mais cooperativas. Ser, ter, fazer, tomar, dar, amar, odiar, viver, morrer: todos estes verbos não ganham sentido senão através do jogo. O brincar assume, desta forma, uma preparação para as ações e comportamentos da idade adulta.

O ato de brincar dá-se e muito pela imaginação e criatividade das crianças e a leitura de livros vai de encontro com essa imaginação.

Impedir a criança de manusear um livro é tão pouco adequado quanto impedi-la de brincar ou de mexer em um brinquedo. As possibilidades que o reconto de histórias

proporcionam ao brincar de uma criança são inúmeras. Permitir que ela tenha contato com esse “brinquedo literário” proporciona-lhe novas maneiras de brincar e assim de se apropriar da realidade.

Antes do aparecimento da linguagem a criança já comunica com os adultos através da mímica, dos gestos, das atividades corporais e sensoriais. Por volta dos 3 meses, um dos primeiros jogos com o adulto é o de esconder o rosto e mostrá-lo de novo, depois surgem atividades de exploração e manipulação dos objetos do meio, jogos em torno do ter e guardar (encher objetos com coisas que se transportam), e, mais tarde, jogos de fazer coisas (puzzles, construções). A partir da idade em que a criança começa a andar, é preciso dar um especial destaque aos jogos com água, areia, ou terra, aos jogos de enchimento e de esvaziamento de recipientes. Este é o momento da explosão da curiosidade investigadora e manipuladora dos objetos, tudo suscita perguntas e tudo se tenta agarrar, despedaçar, fragmentar.

Para brincar, a criança tem de se sentir numa atmosfera segura e de não ameaça, portanto, estar continuamente em guarda perante os pais, educadores ou o próprio meio dificulta a tarefa espontânea de brincar. As crianças precisam de limites para se sentirem seguras, mas isso não significa que não possam exprimir os seus desejos, as suas alegrias e os seus desgostos (que devem ser aceites pelo adulto).

O espaço é para as crianças um desejo muito intenso, é o mover-se, correr, descobrir coisas novas, enfim, sentir a vida em todos os poros. Porém, deve também ter-se em conta que algumas crianças brincam ficando apenas a olhar, ouvir, cheirar, sentir. São prazeres passivos, inteligentes, observadores e por vezes meditativos.

Brincar/jogar, promove o desenvolvimento da linguagem sobretudo com o uso da brincadeira dramática, uma vez que se trata de uma atividade simbólica assim como a leitura e a escrita, isto é, as crianças usam objetos para representar outras coisas, mais tarde vão usar sons e símbolos para representar palavras e ideias. Utilizando as brincadeiras manipulativas as crianças vão explorar as propriedades das coisas despertando para o questionamento sobre os fenómenos que experienciaram. Segue-se a procura de respostas gerando hipóteses e a sua veracidade.

Assim, através do brincar as crianças adquirem um pensamento científico e, através do jogo dramático as crianças desenvolvem competências sociais representando papéis de situações que presenciaram. Desta forma as crianças vão conhecendo e interiorizando o mundo que as rodeia, bem como as regras e normas utilizadas na sociedade onde se encontram inseridas (Spodek & Saracho 1998).

O jogo apresenta-se assim como um apoio para a prática pedagógica, Kiskimoto (2007) evidencia a sua importância quando diz que através deste a criança “*constrói conhecimento, sentimentos, torna-se ser cultural, aprende e desenvolve-se*”.

Podemos deste modo concluir que a atividade de brincar, o desenvolvimento da capacidade de faz de conta deve ser uma questão que devemos preservar e incentivar à sua implementação em contexto escolar. Após refletirmos acerca de todos os benefícios para a criança e das vantagens que esta atividade lhe proporciona, enquanto modelos só nos resta investir em contexto de jardim-de-infância na promoção desta questão da importância da ludicidade. De igual modo, assumimos como fundamental sensibilizar as famílias para esta importância e para a necessidade de brincarem com qualidade com os seus filhos.

Bibliografia

- **Bertrand, Y.** (1991). *Teorias Contemporâneas da Educação*. Lisboa: Colecção Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.
- **Brickman, N. A. et al.** (1991). *Aprendizagem Activa – Ideias para apoio às primeiras aprendizagens*. Lisboa: Serviço de educação, Fundação Calouste Gulbenkian.
- **Carvalho, A.; Diogo, F.** (1994). *Projecto Educativo*. Porto: Edições Afrontamento.
- **DEB** (1994). *Jardim de Infância / família: Uma abordagem interactiva*. Lisboa: Ministério Da Educação.
- **DEB** (2002). *Orientações Curriculares Para A Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério Da Educação.
- **DEB** (2002). *Perspectivas de educação em jardins-de-infância*. Ministério da Educação e das Universidades.
- **Formosinho, J.** (1996). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Lisboa: Colecção Infância – Porto Editora.
- **Erikson, Erik** (1976). *Infância e Sociedade* Zahar São Paulo: Editores.
- **Garvey, C.** (1992). *Brincar*. Lisboa: Edições Salamandra.
- **Hohmann, M.; Banet, B.** (1995). *A criança em Acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- **Gesell, A.** (2000). *A criança dos 0 aos 5 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- **Hohmann, M.; Weikart, D.** (1997). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

- **HOHMANN, Mary; BANET, Bernard; WEIKART, David P.** (1995). *A criança em acção*. 4ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, Lisboa;

- **Kishimoto, T. M.** (1998). *Brincar e as suas teorias*. São Paulo: Pioneira.

- **Kishimoto, T. M.** (2003). *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Pioneira.

- **Mendonça, M.** (2003). *A Educadora de Infância: Traço de União entre a Teoria e a Prática*. Porto: Edições Asa.

- **Marques, Ramiro** (1999). *A Escola e os Pais - Como colaborar?* Texto Editora.

- **Nóvoa, A.** (1995). *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Porto Editora.

- **Ortega, S. C. ; Azola, A. C.** (1986). *Psicologia Infantil*. Barcelona: Ediciones Nauta, S.A.

- **Perrenoud, P.** (2000). *10 novas competências para ensinar*. São Paulo: Artmed.

- **Spodeck, B.** (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas - Fundação Calouste GulbenKian.

- **Vayer, P.** (1980). *O Diálogo Corporal*. Lisboa: Coleção Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.

- **Vasconcelos, T.** (1997). *Ao Redor da Mesa Grande*. Porto: Porto Editora.

- **Vygotsky, L. S.** (2000). *Pensamento e linguagem*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

- **Vygotsky, L. S.** (2000) *A formação social da mente*. 7ª Edição. São Paulo: Martins Fontes.

- **WALLON, Denis; WILDE, Michelle de.** *O seu filho, do nascimento aos 6 anos*. São Paulo: Edições 70 Persona.

- **Winnicott, D. W.** (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

- **Zabalza, M.** (1992). *A Didáctica da Educação Infantil*. Rio Tinto: Edições Asa.

- **Zabalza, M.** (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.